

Fabiana Andrade Santolin

O COMPORTAMENTO SEMÂNTICO DO  
SINGULAR NU DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Florianópolis – Agosto – 2006

Fabiana Andrade Santolin

# O COMPORTAMENTO SEMÂNTICO DO SINGULAR NU DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora:  
Dr<sup>a</sup> Roberta Pires de Oliveira (UFSC)

Florianópolis – Agosto – 2006

# O Comportamento Semântico do Singular Nu do Português Brasileiro

Por

**Fabiana Andrade Santolin**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística no Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina pela Comissão formada por:

---

**Profª Drª Roberta Pires de Oliveira (UFSC)**

Presidente e Orientadora

---

**Profª Drª Ana Lúcia de Paula Müller (USP)**

Membro

---

**Profª Drª Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC)**

Membro

---

**Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva**

Coordenador da Pós-Graduação em Lingüística

25 de Agosto de 2006.

Dedico esse trabalho a três grandes mulheres.

Sem a presença delas teria sido quase impossível concluir essa etapa da minha vida.

Minha mãe, Vani, pela segurança e equilíbrio.

Iara, pelo companheirismo e compreensão.

Roberta, por ter acreditado e confiado em mim.

# Agradecimentos

**Perdoem-me se me faltarem palavras para agradecer a todos que estiveram ao meu lado durante esses últimos anos. Todos, sem exceção, foram muito importantes.**

Preciso dizer, antes de mais de nada, que acima de todos e de tudo está para mim Deus. Sem Ele nada seria possível. Sem Ele eu não existiria. Então, agradeço a Ele por ter permitido que mais uma vez eu pudesse estar nessa terra para continuar a minha evolução.

Agradeço a Ele também por permitir que eu encontrasse seres tão especiais nesses últimos anos da minha vida acadêmica. Tenham certeza que se não fosse a ajuda, os conselhos e principalmente a mão amiga de muitos que eu admiro, eu não teria conseguido chegar ao final desse trabalho.

Vejamos algumas das pessoas que foram perturbadas por mim, por email ou pessoalmente nesses últimos meses, para que eu pudesse definitivamente entender o tal singular nu. Acho que entendi. São elas: Ruth Lopes, Rodolfo Ilari, Ana Lúcia de Paula Müller, Maria Marta Pereira Scherre, Cilene Rodrigues, Andrew Nevins, Izabel Cristina Seara, Teresa Cristina Wachowicz, Carlos Mito, Marco Rocha e Nize Paraguassu. A vocês agradeço pela ajuda, atenção e principalmente pela disposição que tiveram em me escutar, em tentar me entender, em me ensinar, em me aconselhar. Enfim agradeço por vocês terem “perdido” algumas de suas horas comigo. Tenham certeza que foi por uma boa causa.

Agradeço ao VARSUL de Florianópolis por ter disponibilizado algumas de suas entrevistas para esse trabalho.

Nesse momento gostaria de agradecer aos meus amigos, alguns deles estão longe, mas apenas fisicamente. Todos, sem exceção, foram maravilhosos. Isso porque estiveram ao meu lado nos meus momentos de loucura, de stress, de angústia, mas também nas horas de alegria e de boas risadas. De todos os momentos que passamos juntos, guardo comigo as conversas, as risadas, a amizade e a força que me deram.

Aos amigos de São Paulo: Márcia, Marina, Claudia, Ângela, Sandra, Dilha e o grande Chico.

Aos amigos que fiz no NEG, alguns deles se tornaram grandes e inseparáveis amigos: Sandra Quarezemin e Gustavo Freire.

Fazem parte ainda do hall de amigos do NEG: Ronald, Marcos, Tharen, Robson, Luisandro, Cláudio, Ana Luzia, Gabriel, João, Mateus, Mariana, Flávio, Simone, Sabrina, Leonor, Priscilla, Lucilene e Núbia.

Aos amigos do Instituto É O Bicho: Maurício, Claudia Tibana, Karla, Joseane, Nara, Sonir Malara, Giuseppe Malara e a minha querida Iara que será sempre bem mais do que uma amiga.

Agradeço ainda ao apoio da minha família e a segurança que me deram nos momentos mais difíceis. Obrigada a minha mãe - Vani, Fernanda, Ali e ao pequeno Firass, a minha grande alegria. Agradeço também ao meu pai - Edioney, Fátima, Carolina, Roberta e Rosane.

E finalmente, não poderia esquecer de agradecer a minha orientadora, Roberta Pires de Oliveira. A ela devo todos os meus agradecimentos e considerações. Devo dizer que durante esses últimos meses, por vezes deixamos de falar a mesma língua. Na maioria das vezes por conta do meu jeito teimoso de ser. Mas valeu a pena. Aprendi muito com ela. Aliás, eu nunca terei palavras perfeitas que demonstrem o meu carinho e a minha admiração por você, Roberta. Agora, só posso dizer muito, muito obrigada. Você é o máximo.

Essa pesquisa foi financiada pelo CNPq. Senhores, obrigada.

*Fabiana Andrade Santolin*  
Agosto de 2006.

<b>Resumo</b>	viii
<b>Abstract</b>	ix
<b>Introdução</b>	1
<b>Capítulo I – Singular Nu: Primeiros Passos</b>	3
1. O que é genericidade?	5
1.1 Como a genericidade é expressa?	9
1.2 De onde vem a genericidade das sentenças caracterizadoras?	12
1.3 Algumas propriedades das sentenças caracterizadoras	13
1.4 Como diferenciar sentenças caracterizadoras de episódicas	14
1.5 Como diferenciar um NP genérico de um NP não-genérico	16
2. Descrição dos contextos em que ocorre o singular nu	23
2.1 Os contextos genéricos	23
2.2 Os contextos episódicos	25
<b>Capítulo II – Denotação do Singular Nu: Outros Passos</b>	28
1. O singular nu é um plural nu disfarçado?	28
1.1 Fragilidade na argumentação de Schmitt & Munn (2003)	30
1.2 Neutralização das formas singular nu e plural nu	33
1.3 Como captar a diferença entre o singular nu e o plural nu?	36

2. O singular nu seria um definido genérico?	39
3. O singular nu pode denotar espécie?	42
3.1 Os testes de Krifka <i>et al.</i> aplicados ao PB	43
3.2 NP de referência direta à espécie	50
<b>Capítulo III – O Singular Nu pode ser massa?</b>	<b>54</b>
1. O que é massa intuitivamente?	55
1.1 A proposta de Chierchia	60
1.2 A proposta de Müller	63
2. Denotação de espécie	66
2.1 Denotação de espécie para Chierchia	67
2.2 O definido genérico para Chierchia	70
2.3 O definido genérico singular do PB	74
3. Procurando uma alternativa para o singular nu do PB	75
<b>Considerações Finais</b>	<b>80</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>81</b>



# Resumo

O objetivo desta dissertação é descrever e analisar o comportamento semântico de nomes comuns, como 'cachorro', 'homem', que se apresentam na forma singular, ou sem marca explícita de plural, e sem a presença de um determinante, seja um artigo (definido ou indefinido), um quantificador, ou um pronome. Esse tipo de ocorrência, nós chamaremos de singular nu, com base nos trabalhos de Müller (2002 e posteriores). Para introduzirmos os problemas relacionados com o comportamento semântico do singular nu do Português Brasileiro, estabelecemos os contextos em que ocorrem essas formas no PB e discutimos dois contextos em particular: genérico e episódico. Apresentamos também três grandes questões relacionadas ao singular nu do PB: (i) seria o singular nu um plural sem marcação explícita de plural?, (ii) seria o singular nu uma forma que apenas na superfície não apresenta o artigo, mas em verdade deveria ser considerado como um definido genérico? e (iii) seria possível o singular nu do PB denotar espécie?. E, finalmente, discutimos se o singular nu deveria ser considerado um termo massivo, uma proposta que aparece em Müller (2002). Nossa conclusão aponta que o singular nu pode ser um termo massivo. Além de não poder ser considerado um plural sem a marca de pluralização, um definido genérico singular sem a presença explícita do determinante, e, contrariamente a previsão de Müller, o singular nu pode ser um NP de referência à espécie.

**Palavras-chave:** Singular nu, definido genérico, nomes de massa.

# Abstract

The objective of this dissertation is to describe and to analyze a semantic behavior of common names, as “dog”, “man”, presented in the singular form, or without explicit mark of plural, and the presence of a determiner, either an article (definite or indefinite), a quantifier, or a pronoun. This type of occurrence, we will call bare singular, on the basis of Müller (2002 and later). To introduce the problems related with the semantic behavior of the bare singular in Brazilian Portuguese, we establish the contexts where these forms in the BP occur and in we discuss them in two contexts in particular: generic and episodic. We also present three great questions related to the bare singular in the BP: (i) would the bare singular be a plural without an explicit plural marker?, (ii) would the bare singular be a form that does not present the article only in the surface, but in fact would have to be considered as one defined generic one? and (iii) would it be possible that the bare singular in BP denotes species? We finally discuss if the bare singular would have to be considered a massive term, as proposed in Müller (2002). Our conclusion points that the bare singular can be a massive term, although it can't be considered a plural one without a plural marker, nor a defined generic singular without the explicit presence of a determiner, and, opposite to Müller's proposal, the bare singular can be a NP of reference to the kind.

**Keywords:** Bare singular, defined generic, mass nouns.

# Introdução

---

Esta dissertação tem como objetivo descrever o comportamento semântico de nomes comuns do Português Brasileiro<sup>1</sup> (PB) que ocorrem, ao menos superficialmente, sem a presença do artigo e na sua forma singular, como em:

(1) Mulher chora.

Esse tipo de ocorrência do sintagma nominal será chamado de **singular nu**, embora, como veremos, essa terminologia não faça jus ao fenômeno semântico, já que não se trata propriamente de um singular. Na presente pesquisa, analisamos as construções contendo esse tipo de nominal tendo como ponto de interlocução principal a proposta de Müller (2002c, 2003b), porque ela trata especificamente do problema.

Buscando alcançar a melhor forma de expor e analisar o comportamento semântico do singular nu, dividimos a dissertação em três capítulos. O primeiro capítulo tem um caráter introdutório, tanto no sentido de que noções básicas da literatura são introduzidas, quanto por ser apresentada uma revisão dos inúmeros contextos em que ocorre o singular nu no PB. Para compreender melhor a relação entre o singular nu e os contextos em que ele ocorre, tratamos de algumas noções básicas sobre genericidade em sua oposição com as sentenças episódicas, e aprofundamos a questão do singular nu denotar espécie, atentando para o modo como essa questão aparece na descrição do plural nu no inglês.

O segundo capítulo é destinado à discussão de três grandes questões relacionadas ao singular nu: (i) seria o singular nu um plural sem marcação explícita de plural?, (ii) seria o singular nu uma forma que apenas na superfície não apresenta o artigo, mas em verdade deveria ser considerado como um definido genérico? e (iii) seria possível o singular nu do PB denotar espécie? Respondemos negativamente as duas primeiras perguntas, mostrando que o singular nu nem é um plural disfarçado, nem um definido genérico sem o artigo. Já, com relação à terceira pergunta, mostramos que é possível argumentar que o singular nu denota espécie, contrariando as conclusões de Müller.

---

<sup>1</sup> Utilizamos 'Português Brasileiro' de forma genérica. Na verdade, não sabemos como ocorre e qual a frequência em que ocorrem esses nominais nas várias regiões do Brasil; contamos com a nossa intuição.

No terceiro capítulo, discutimos se o singular nu deveria ser considerado um termo massivo, uma proposta que aparece em Müller. Para tanto, apresentamos a análise de Chierchia (1998a, 1998b) para o comportamento semântico dos nomes comuns, pois, como a análise de Müller está calcada preferencialmente na proposta desse autor, é imprescindível apresentar as suas considerações. Nossa conclusão aponta positivamente: o singular nu pode ser um termo de massa.

Elegemos como preocupação central desta dissertação alguns dos problemas relacionados ao estudo do comportamento semântico do singular nu. Entretanto, nós não desenvolvemos uma solução, restringimo-nos apenas a apontar possíveis caminhos para os problemas levantados. A complexidade do tema demandaria uma Tese de Doutorado.

# Singular Nu: Primeiros Passos

---

## Introdução

No PB, diferentemente de outras línguas naturais, temos uma grande ocorrência de nomes comuns (categoria lexical N), como 'cachorro', 'homem', que se apresentam na forma singular, ou sem marca explícita de plural, e sem a presença de um determinante, seja um artigo (definido ou indefinido), um quantificador, ou um pronome. Esse tipo de ocorrência, nós chamaremos a partir desse momento de **singular nu**. Vejamos alguns exemplos de sintagmas nominais (NP, do inglês Nominal Phrase) que não têm a forma de um singular nu, em (1), e o que consideramos como ocorrências de singular nu, em (2).

- (1) a. Toda mulher gosta de se vestir bem.
- b. A mulher gosta de se vestir bem.
- c. Uma mulher gosta de se vestir bem.
- d. Mulheres gostam de se vestir bem.
  
- (2) a. Mulher gosta de se vestir bem.
- b. Brasileiro gosta de futebol.
- c. João comeu bolacha ontem à noite.
- d. Tem cebola no meu prato.

As sentenças em (1) não podem ou não deveriam ser todas consideradas sinônimas. É possível que uma e outra sejam sinônimas, mas certamente há uma diferença semântica entre (1a) e as demais, como veremos ao longo deste capítulo. É também possível que mesmo as sentenças de (1b) a (1d) não sejam sinônimas, ainda que possa ser muito difícil perceber diferenças de interpretação entre elas. Não é nosso objetivo, nesta dissertação, investigar essa questão. Nosso objetivo é entender o que ocorre nas sentenças em (2) e tentar explicitar em que essas sentenças se distinguem das sentenças apresentadas em (1). Note que há uma diferença entre as sentenças em (2): (2a) e (2b) são genéricas, ao passo que (2c) e (2d) são episódicas<sup>2</sup>. Parece que a maior frequência de singular nu ocorre na língua oral, mas isso não impede que esse tipo de nominal ocorra também em língua escrita. Em título de jornais é muito frequente encontrarmos o singular nu, e neste contexto, ele tem, mesmo quando acompanhado de verbo com morfologia de presente simples (uma indicação de genericidade), leitura específica. Considere, por exemplo, manchetes como:

- (3) a. Ladrão rouba banco e some na multidão.  
b. Médico é preso dentro do hospital que trabalhava.

Pode parecer que a presença do singular nu em títulos de jornais seja apenas uma questão de estilo, mas se olharmos para os jornais franceses<sup>3</sup> nós não encontramos esse tipo de forma; o que indica que a ocorrência de singular nu em manchetes só é possível se ele for uma possibilidade da gramática da língua. Vejamos os exemplos em (4)<sup>4</sup>

- (4) a. La passagère d'un camion perd la vie.  
'A passageira de um caminhão perde a vida'  
b. Un criminel hautement recherché est arrêté.  
'Um criminoso altamente procurado é preso'

Podemos pensar, então, que o fato de o PB ter casos de singular nu diferentemente do francês, nos leva a acreditar que a ocorrência dessas formas em títulos de jornais não é apenas um caso de estilo jornalístico, mas um recurso estilístico se a língua assim permitir.

---

<sup>2</sup> A distinção entre sentenças genéricas e episódicas será apresentada na seção 1.4, deste capítulo.

<sup>3</sup> O nosso trabalho analisa apenas dados do PB.

<sup>4</sup> Os exemplos do francês foram retirados do jornal on-line lcn ([www.lcn.canoe.com/faitsdivers](http://www.lcn.canoe.com/faitsdivers)), do mês de julho de 2006.

Como a literatura (Schmitt & Munn (1999, 2003) e Müller (2002) entre outros) aponta que a maior frequência da ocorrência do singular nu no PB se dá em contextos genéricos, nós apresentaremos, neste primeiro capítulo, noções básicas sobre genericidade. Além disso, veremos como a literatura dá conta em diferenciar NPs de referência à espécie de NPs genéricos. A discussão sobre esse ponto, com relação aos dados do PB, será apresentada nos capítulos 2 e 3.

Dessa forma, este primeiro capítulo está dividido da seguinte maneira: na seção 1 (e suas subseções) apresentaremos o que é a genericidade e como identificamos um NP de referência à espécie, tendo como ponto de partida dados do inglês; e na seção 2, apresentaremos os contextos em que ocorre o singular nu no PB, buscando apenas descrevê-los. O trabalho de análise será objeto dos outros capítulos.

## 1.O que é genericidade?

De modo informal, podemos considerar a genericidade nas línguas naturais como uma "ferramenta" (um mecanismo da linguagem) que está a nossa disposição quando queremos, por algum motivo, exprimir hábitos, regras, normas, conceitos, definições, admitindo exceção.

Uma das formas para exprimirmos a genericidade é utilizarmos sentenças genéricas ou sentenças caracterizadoras<sup>5</sup>. Essas sentenças quando proferidas expressam generalizações, leis, ou comportamos padrões de um determinado indivíduo ou de um grupo de indivíduos, sem se referirem a situações<sup>6</sup> específicas no mundo. Vejamos alguns exemplos de sentenças que remetem a situações específicas em (5) e sentenças que remetem a situações não específicas em (6).

- (5) a. Ontem, o João comeu bolo.  
b. Na última Copa, os brasileiros ficaram felizes com o resultado.
- (6) a. João come muito bolo.  
b. Os brasileiros adoram comentar sobre os jogos da Copa.

---

<sup>5</sup> Sempre que utilizarmos os termos "sentença genérica e/ou caracterizadora", "sentença universal", "sentença habitual" ou "sentença episódica", estaremos falando de modo impreciso, embora esse capítulo trace as diferenças entre elas. Não discutiremos ou apresentaremos uma discussão mais aprofundada sobre cada um desses termos, bem como não nos aprofundaremos nas diferenças que cada um desses termos mantém uns com os outros.

<sup>6</sup> O termo 'situação' será utilizado informalmente para denotar um evento "marcado com tempo" e o termo 'evento' será utilizado informalmente para nos referirmos à variável de evento que faz parte da grade temática de um predicado (é atemporal, portanto). Seguindo Krifka *et al.* (1995), situação é onde o evento ocorre e o evento é a denotação de um predicado verbal.

As sentenças em (5) são casos de sentenças episódicas. Essas sentenças se referem a situações específicas, ancoradas no tempo, que podem ou não estar concluídas. Por outro lado, as sentenças em (6) transmitem informações sem levar em consideração o tempo, elas são atemporais e não se referem a situações ou fatos isolados. O tempo presente, nas sentenças genéricas, é uma marca morfológica que indica genericidade e essa marcação não se refere a um momento semântico, à descrição de uma situação em particular, portanto, não ancora o evento no tempo. Nessa perspectiva, as sentenças genéricas se opõem às sentenças episódicas.

Além disso, precisamos explicar as sentenças genéricas. A literatura entende que há dois modos de conceber a genericidade das sentenças genéricas: a abordagem indutiva e a abordagem dedutiva.

A abordagem indutiva considera que as generalizações expressas pelas sentenças genéricas só podem ser confirmadas com base em um conjunto de situações, isso quer dizer que somente depois de “muitos” exemplos serem acumulados é que podemos realmente afirmar uma forma genérica (ver Carlson (1995)). Vejamos alguns exemplos que confirmam a hipótese indutiva apresentada por Carlson.

- (7) Homem gosta de futebol.
- (8) Professores ganham mal.
- (9) Maurício limpa a casa quando tem tempo.

O primeiro ponto que vale ser ressaltado em relação às sentenças de (7) a (9) é que elas não se referem a uma única situação, mas ao fato de termos várias situações, hábitos, padrões ou regularidades que expressam generalizações sobre homens, professores e sobre um indivíduo em particular, Maurício. Uma abordagem indutiva diria que só podemos proferir (7) se vários homens gostam de futebol e para isso temos que levar em consideração o nosso conhecimento de mundo ou o senso comum. O mesmo vale para as sentenças em (8) e (9). Essas três sentenças têm em comum também o fato de aceitarem exceções. Nós sabemos que não são todos os homens que gostam de futebol, mas sabemos que gostar de futebol se refere a um padrão de comportamento masculino: homens em geral gostam de futebol. A sentença em (8) também só pode ser afirmada porque existem muitos casos de professores que ganham mal, mas novamente essa sentença admite exceções porque sabemos que existem professores, mesmo sendo a minoria, que ganham bem ou muito bem. A sentença em (9) expressa o hábito de um indivíduo, sempre que Maurício tem tempo, ele limpa a casa. Vale notar que essa sentença também se comporta como as sentenças em (7) e (8), pois também admite exceções,



isso porque mesmo que ocorram situações em que Maurício tem tempo e não limpa a casa, não podemos considerar a sentença falsa.

Como já dissemos essas três sentenças confirmam a visão de um raciocínio indutivista da genericidade. Entretanto, há vários autores que defendem que a genericidade não é alcançada indutivamente, mas é uma lei, cuja apreensão independe da empiria; ela tem, portanto, caráter dedutivo. Veja o seguinte exemplo:

(10) O elefante vive 120 anos.

Se levarmos em consideração um raciocínio indutivo para dar conta da sentença em (10) teríamos que afirmar que a verdade dessa sentença estaria relacionada à ocorrência de vários elefantes terem vivido até a idade de 120 anos. Entretanto, existem estudos sobre a vida dos elefantes que demonstram que eles vivem em média 50 a 70 anos e viver até 120 anos seria uma exceção para os elefantes ou até mesmo uma impossibilidade, dadas as condições desfavoráveis, impostas principalmente pelo homem, às quais os elefantes são expostos. Mesmo assim, a sentença em (10) é considerada verdadeira. Como pode ser isso, se indutivamente teríamos que considerá-la falsa? A sentença em (10) expressa uma "lei" biológica: dadas as potencialidades biológicas do elefante, ele poderia viver 120 anos. Assim, o fato de poder viver até 120 anos não significa que um elefante viva todo esse tempo e tão pouco que precise existir um elefante com a idade de 120 anos para que a sentença seja verdadeira. Sendo assim, adotar uma abordagem indutiva parece não ser a melhor escolha, ao menos para analisarmos a sentença em (10), como prevê a análise de Krifka *et al.* (1995, p.49-56).

Independente da explicação, dedutiva ou indutiva, que se adote para explicar a genericidade, esses quatro exemplos expressam generalizações sobre indivíduos (7)-(8), sobre situações (9), ou sobre espécie (10).

Um modo de atestarmos que de fato as sentenças de (7) a (10), independente da abordagem adotada, têm o significado que atribuímos a elas – generalizações que marcam a possibilidade de exceções - é notar que o sentido dessas sentenças não se altera substancialmente se introduzirmos o advérbio 'geralmente', como em (11):

- (11) a. Homem geralmente gosta de futebol.  
b. Professores geralmente ganham mal.  
c. Maurício geralmente limpa a casa quando tem tempo.  
d. O elefante geralmente vive 120 anos.

As sentenças em (11) dão margem às exceções, diferentemente do que ocorre com as sentenças universais, pois estas apresentam um fato do mundo como se não houvesse exceção. Compare com as sentenças em (12):

- (12) a. Todos os homens gostam de futebol.  
b. Todo político rouba.

Sentenças como (12a) e (12b), diferentemente das sentenças que exprimem uma generalização, eliminam, ao menos discursivamente, a possibilidade de existirem exceções. São sentenças que aparentemente fazem menção a uma totalidade ou a uma uniformidade sobre um tema. Se inserirmos o advérbio 'geralmente' nas sentenças em (12) teríamos uma incompatibilidade entre 'geralmente' e 'todos'<sup>7</sup>, pois 'geralmente' deixa margem às exceções, como podemos observar nas sentenças em (13).

- (13) a. \*Geralmente todos os homens gostam de futebol.  
b. \*Geralmente todo político rouba.

Por hora, podemos dizer que sentenças genéricas são sempre estativas, porque elas expressam uma propriedade; nunca se reportam a situações específicas, diferindo assim de sentenças episódicas; além disso, permitem exceção diferentemente de sentenças universais.

Na próxima seção, discutiremos uma outra questão que está intrinsecamente ligada à genericidade expressa pelas sentenças genéricas: de que forma a genericidade é expressa nas línguas naturais? Veremos que a genericidade ou se manifesta através de um NP de referência à espécie ou é o resultado da interpretação da sentença genérica como um todo. Vale notar que essa questão de onde vem a genericidade é crucial nesse trabalho, pois quando afirmamos que a genericidade vem do NP de referência à espécie, significa dizer que esse sintagma nominal é e será sempre genérico, por isso ele pode ocorrer em predicados episódicos e manter a sua genericidade, como veremos mais adiante. Por outro lado, quando afirmamos que a genericidade vem da sentença como um todo, ou em outras palavras, vem de um operador genérico que pode ou não se manifestar superficialmente, significa dizer, então, que a genericidade é produto desse

---

<sup>7</sup> Talvez seja possível combinar 'geralmente' com 'todo', como em:

(i) Geralmente, todo homem é machista.

Mas, neste caso, o que se afirma é que para todo homem é o caso que em geral ele se comporta de maneira machista. Para cada homem, é o caso que em algumas circunstâncias ele não é machista.

operador. Assim, um NP que não faça referência à espécie, por exemplo, um NP indefinido, como 'uma mulher', só terá leitura genérica quando ocorrer em uma sentença genérica, isto é, sobre o escopo de um operador genérico. O NP indefinido em si não expressa uma generalização. Essa questão será apresentada e discutida no decorrer deste capítulo, tendo como objeto de estudo a língua inglesa. A discussão sobre a forma lógica do singular nu, assim como sobre a sua denotação, serão deixadas para o segundo e terceiro capítulos.

### 1.1 Como a genericidade é expressa?

Como já apontamos, a literatura afirma que a genericidade é expressa por duas estruturas bem distintas: ou a genericidade vem do NP e, nesse caso, se manifesta através de NPs de referência à espécie, ou se manifesta através de sentenças chamadas caracterizadoras (ver Krifka et al., 1995). A diferença básica entre esses dois tipos de fenômenos lingüísticos é que nas sentenças contendo um NP de referência à espécie, o próprio NP é genérico e esse não designa ou denota um indivíduo atômico<sup>8</sup> ou um grupo particular, mas uma espécie, e pode ocorrer em contextos episódicos com interpretação genérica. As sentenças a seguir, retiradas de Krifka (2004, p.1), exemplificam esses dois fenômenos, sentenças caracterizadoras em (14) e sentenças que envolvem referência à espécie em (15):

- (14) a. A potato contains vitamin C.  
 'For all/typical x: if x is a potato, x contains vitamin C'  
 'Uma batata contém vitamina C'  
 'Para todas/típicas x: se x é uma batata, x contém vitamina C'
- b. A gentleman opens doors for ladies.  
 'For all/typical x: if x is a gentleman, he opens doors for ladies'  
 'Um cavalheiro abre porta para damas'  
 'Para todo/típico x: se x é um cavalheiro, ele abre porta para damas'
- (15) a. The potato was first cultivated in South America.  
 'The kind *tuber tuberosum* was first cultivated in South America'  
 'A batata foi cultivada primeiramente na América do Sul'  
 'A espécie *tuber tuberosum* foi cultivada primeiramente na América do Sul'

---

<sup>8</sup> Ver capítulo 3, seção 1.1.

- b. Shockley invented the transistor.  
 'Shockley conceived of, and realized, the kind of the transistor.'  
 'Shockley inventou o transistor'  
 'Shockley concebeu, e realizou, a espécie transistor'

Existem ainda casos mistos, sentenças caracterizadoras contendo NP de espécie:

- (16) The potato contains vitamin C.  
 'For all/typical specimens of *Tuber tuberosum* x, x contains vitamin C'  
 'A batata contém vitamina C'  
 'Para todas/típicas espécie de *Tuber tuberosum* x, x contém vitamina C'

Note que nas sentenças em (14) e (15) há um contraste entre o uso do definido e do indefinido. Aparentemente, apenas os definidos podem expressar espécie. Segundo Krifka (2004), uma outra característica na distinção entre NPs definidos e indefinidos, em contextos genéricos, deve ser considerada: em geral NPs indefinidos em sentenças caracterizadoras não podem ser substituídos por NPs definidos, e NPs definidos de referência à espécie não podem em geral ser substituídos por NPs indefinidos, como em (17). A sentença (17b) é possível apenas com uma interpretação taxonômica, isto é, o NP se refere a uma subespécie de *Tuber tuberosum*:

- (17) a. \*The gentleman opens doors for ladies.  
 'O cavalheiro abre portas para damas'
- b. \*A potato was first cultivated in South America.  
 'Uma batata foi cultivada primeiramente na América do Sul'

A agramaticalidade de (17a) ocorre porque NPs definidos genéricos, como 'the gentleman' em (17a), não são permitidos em sentenças que expressem uma regra ou definição (ver Cohen 2001)<sup>9</sup>.

Segundo Krifka (2004), NPs definidos e indefinidos singulares podem ocorrer também em contextos episódicos, como em (18). NPs definidos singulares podem se referir a um único objeto, (18a), e NPs indefinidos singulares podem também introduzir uma nova entidade, (18b).

<sup>9</sup> Ver primeiro capítulo, páginas 23 a 26, desta dissertação.

- (18) a. The potato rolled out of the bag.  
'A batata rolou para fora da bolsa'
- b. A potato rolled out of the bag.  
'Uma batata rolou para fora da bolsa'

O autor assume que um NP definido singular é sistematicamente ambíguo (polissêmico): ele pode tanto se referir a uma espécie, quanto a um único objeto. Um predicado como 'estar extinto', ou 'foi cultivado na América do Sul', seleciona uma leitura de espécie, (15a); um predicado como 'rolou para fora da bolsa' seleciona uma leitura de objeto, (18a)-(18b). Assim, em (15a), o NP se refere à espécie; e em (18), se refere a um objeto particular. É, portanto, o predicado que seleciona uma ou outra leitura do NP definido singular.

Krifka (2004) apresenta também a interpretação dos NPs nus em inglês - nomes de massa como 'bronze' e plurais como 'potatoes', e afirma que a interpretação desses sintagmas é controversa. Isso porque eles aparecem em contextos que selecionam expressões de referência à espécie, como (19a), em sentenças caracterizadoras, como em (19b), e eles têm também um uso não-genérico, como em (19c).

- (19) a. Potatoes were first cultivated in South America.  
'Batatas foram cultivadas primeiramente na América do Sul'  
Bronze was invented around 3000 BC.  
'Bronze foi inventado por volta de 3.000 anos AC'
- b. Potatoes contain vitamin C.  
'Batatas contêm vitamina C'  
Gentlemen open doors for ladies.  
'Cavalheiros abrem porta para damas'  
Bronze was used for jewelry and weaponry.  
'Bronze foi usado para jóias e armas'
- c. Potatoes rolled out of the bag.  
'Batatas rolaram para fora da bolsa'  
Bronze was detected in the remnants of the furnace.  
'Bronze foi detectado em fornalhas remanescentes'

Podemos concluir, com os exemplos retirados de Krifka (2004), que definidos genéricos, plurais nus e nomes de massa podem ocorrer em três contextos, contextos que selecionam expressões de referência à espécie, como em (15a, 15b, 19a), em sentenças caracterizadoras, como em (16) e (19b) e ainda em contextos que selecionam, por exemplo, predicados não genéricos, como em (19c), no qual o NP 'potatoes' deixa de se referir à espécie *Tuber tuberosum* e passa a se referir a um objeto.

Veremos, na subseção 1.5, quatro testes de Krifka *et al.* (1995) que servem para diferenciar um NP de espécie de um NP não genérico, cuja genericidade depende, então, do operador, pois podemos perceber até esse momento que em inglês podem ocorrer NPs com interpretação genérica, NPs de espécie e NPs com interpretação não genérica. Lembremos que esses testes deveriam ter uma aplicabilidade universal para as línguas naturais. Seguindo esse raciocínio, Müller (2002c, 2003b) aplica os testes de Krifka *et al.* para o PB (ver capítulo 2, subseção 3.1).

## 1.2 De onde vem a genericidade das sentenças caracterizadoras?

Sentenças caracterizadoras recebem interpretação genérica devido, supostamente, à presença de um operador "invisível", o GEN, não vindo do NP, e que atua sobre a sentença, nos moldes dos advérbios quantificacionais de Lewis (1975). Um dos argumentos para sustentar essa afirmação é que sentenças caracterizadoras podem conter, na posição de sujeito, qualquer tipo de NP, incluindo NPs indefinido (20a)<sup>10</sup> e definido (20b), e mesmo nomes próprios como em (20c) (ver Krifka *et al.* (1995, p.19)). Para exemplificação dessa subseção utilizaremos exemplos do PB.

- (20) a. Um brasileiro gosta de futebol.
- b. O brasileiro gosta de futebol.
- c. João gosta de futebol.

Uma sentença como (20a), pode ser traduzida semanticamente por:

- (21) Em geral, um brasileiro gosta de futebol.

---

<sup>10</sup> Essa sentença é ambígua. Pode também ser que exista um brasileiro que tem o hábito de gostar de futebol.

Em termos de forma lógica, a hipótese levantada por Krifka *et al.* (1995), na esteira dos trabalhos de Lewis (1975) e Heim (1982), é que sentenças genéricas têm uma estrutura tripartite: um operador (o operador genérico GEN), o restritor (que restringe o domínio de atuação do operador) e o escopo nuclear (que expressa a proposição). Nesta tradição, esse operador prende indiscriminadamente todas as variáveis. Assim, a sentença em (20a) tem uma estrutura como:

(22) GEN [x;][[brasileiro (x); gosta de futebol (x)]]

Paráfrase: Geralmente, se x é brasileiro, x gosta de futebol.

Neste trabalho não iremos discutir a semântica de GEN, mas grosseiramente temos: em todos os mundos mais próximos do mundo atual é o caso que se algo é brasileiro, algo gosta de futebol. Também daremos pouca atenção à estrutura semântica do operador genérico. Interessamos refletir sobre o estatuto do sintagma singular nu.

### 1.3 Algumas propriedades das sentenças caracterizadoras

Ressaltaremos aqui duas propriedades das sentenças caracterizadoras; propriedades essas, apresentadas em Krifka *et al.* (1995), que também nos servirão para entendermos, posteriormente, os contextos em que ocorre o singular nu do PB.

O predicado verbal de uma sentença caracterizadora descreve uma propriedade "essencial" de alguma entidade mencionada na sentença. Vejamos um exemplo dos autores.

(23) A potato contains vitamin C, amino acids, protein and thiamine.

'Uma batata tem vitamina C, aminoácidos, proteínas e tiamina'

Segundo os autores, a propriedade do predicado verbal expressar algo que seja "essencial" ao NP indefinido, como em (23), se sustenta porque não estamos falando sobre uma batata em particular, mas sobre batatas em geral, estamos fazendo uma generalização sobre as propriedades dos indivíduos batatas. E supostamente conter vitamina C, aminoácidos, proteínas e tiamina são propriedades inerentes às batatas. Note, no entanto, que essencial aparece entre aspas, precisamente porque é preciso deixar lugar para as exceções. (23) diz que embora conter vitamina C seja uma propriedade que caracterize as batatas, pode haver batatas que não contêm

essa vitamina. Imagine uma situação de manipulação genética, na qual as propriedades de uma batata sejam modificadas, e através dessa manipulação uma batata passe a ter apenas proteínas. Nessa situação, a sentença em (23) continua a ser verdadeira.

A segunda propriedade que ressaltaremos é a possibilidade de um predicado de uma sentença caracterizadora ser habitual. O predicado verbal de uma sentença habitual é morfologicamente relacionado a predicados episódicos que são freqüentemente usados para formar sentenças episódicas. Intuitivamente, sentenças habituais generalizam sobre padrões de eventos como um componente do seu significado. Como podemos verificar nos exemplos (24a)-(24b).

- (24) a. O Brasileiro quando chega nos EUA fica deslumbrado.  
b. Vera fuma quando chega em casa.

A sentença (24a) se refere não a um único episódio, mas sim a repetição de vários episódios de chegada aos EUA que são comuns a vários indivíduos pertencentes à espécie *Brasiliensis*. Quando generalizamos sobre padrões de eventos, como chegar aos EUA, estamos dizendo que se essa situação ocorrer novamente, supostamente, deixará um brasileiro deslumbrado. O mesmo ocorre com a sentença em (24b), mas agora relacionada a várias situações em que Vera fumou quando chegou em casa e dessa sucessão de eventos, nós inferimos um padrão e acreditamos, portanto, que Vera repita um comportamento já esperado por nós - fumar. Mas lembremos que essas sentenças também deixam margem às exceções, se um brasileiro chega aos EUA e não fica deslumbrado ou Vera chega em casa e não fuma, isso não significará que as sentenças em (24a)-(24b) sejam falsas. Vale notar que sentenças caracterizadoras se diferem de sentenças habituais porque os predicados verbais das sentenças habituais generalizam sobre situações e os predicados das sentenças caracterizadoras generalizam sobre propriedades de indivíduos (ver Krifka *et al.* (1995)).

#### 1.4 Como diferenciar sentenças caracterizadoras de episódicas

Conforme dito na subseção 1.1, sentenças caracterizadoras não expressam episódios específicos ou fatos isolados, ao contrário informam um tipo de propriedade geral, ou seja, informam uma regularidade que resume grupos de episódios particulares ou generalizações sobre indivíduos. Já as sentenças episódicas expressam situações particulares ou propriedades de



objetos particulares, que ocorreram uma única vez.

Um teste para sabermos se uma sentença é caracterizadora ou episódica é a introdução dos advérbios 'normalmente' ou 'geralmente'. Como já mostramos na subseção 1.1 (sentenças em (11)), em sentenças caracterizadoras a inclusão do advérbio não gera mudança drástica de sentido (25a)-(25b), mas em sentenças episódicas a inclusão de um advérbio deste tipo irá gerar uma alteração considerável de sentido: de episódico para genérico, exemplificada em (26a)-(26b). Vejamos os exemplos:

- (25) a. Brasileiro gosta de contar vantagem.
- b. Geralmente brasileiro gosta de contar vantagem.
  
- (26) a. Tem um gato na frente da minha janela.
- b. Normalmente, tem um gato na frente da minha janela.

Em (25a) temos uma sentença caracterizadora, em (25b) temos uma sentença caracterizadora com a presença do advérbio 'geralmente'. Podemos observar na sentença (25b) que o sentido da sentença não foi alterado. Em outros termos, as condições de verdade de (25a) e (25b) são idênticas. Então, temos a comprovação de estarmos diante de uma sentença caracterizadora. Em (26a) temos uma sentença episódica, porque o falante expressa a existência de um gato na frente de sua janela; em (26b) com a introdução do advérbio 'normalmente' temos uma mudança considerável de sentido da sentença, anteriormente, sem o advérbio, tínhamos uma leitura existencial do sintagma nominal 'um gato', agora com o advérbio o enfoque é sobre a constatação que freqüentemente existe um gato em frente a uma determinada janela. Essa mudança de interpretação prova que estamos lidando com uma sentença episódica em (26b).

Uma outra característica importante para sabermos distinguir uma sentença genérica de uma sentença episódica é considerarmos o modo aspectual dessas sentenças. Sem entrar nos detalhes, o aspecto informa a função ou as propriedades do evento ou a maneira como o evento é apresentado. Nas línguas românicas, aspecto e tempo são marcados "superficialmente" na flexão do verbo. A informação de tempo é dêitica em essência porque é ligada à posição do falante no tempo real do discurso. O aspecto, por outro lado, é um mecanismo gramatical não dêitico, não depende da situação de comunicação específica para ter uma interpretação semântica completa. Além disso, deve ser considerado que o tempo oferece uma localização no tempo e o aspecto oferece uma perspectiva de como essa localização pode ser vista. Sentenças episódicas são perfectivas ou imperfectivas (como em 'João comia quando a Maria chegou') e sentenças genéricas são sempre imperfectivas. (ver González (2003)).

Sentenças genéricas, por serem atemporais e serem relacionadas ao aspecto imperfeito, são vistas por uma perspectiva que nos diz que há reiterações de eventos de um mesmo tipo ou reiterações de situações de um mesmo tipo e que essa reiteração está em aberto, podendo se repetir mais uma vez. Assume-se ainda que a informação dada pelo aspecto imperfeito não coincide necessariamente com o período de tempo a que o evento se refere.

### 1.5 Como diferenciar um NP genérico de um NP não-genérico

Em Krifka *et al.* (1995, p.13) encontramos alguns testes diagnósticos, aplicados para o inglês, mas que devem ter valor universal, que permitem distinguir, segundo os autores, com clareza e sem ambigüidades um NP genérico (expressão de referência à espécie) de um NP não genérico (sentenças genericamente quantificadas em que o NP se refere a objetos). Vejamos quatro testes<sup>11</sup>.

**O primeiro teste** determina que tipo de NP pode ser utilizado como uma expressão de referência à espécie. Existem alguns predicados que exigem como seus argumentos NPs de referência à espécie, como o predicado 'estar extinto' (to be extinct) e 'desaparecer' (to die out); e os predicados 'inventar' (to invent) e 'exterminar' (to exterminate) que exigem um NP referindo-se à espécie na posição de objeto. Para esclarecimento dos testes, apresentaremos apenas exemplos de Krifka *et al.* (1995) com o predicado 'to become extinct'<sup>12</sup>.

- (27) a. The lion will become extinct soon.  
'O leão logo estará extinto'
- b. Lions will become extinct soon.  
'Leões logo estarão extintos'
- c. \*A lion will become extinct soon.  
'Um leão logo estará extinto'
- d. A (certain) lion (namely the Berber lion) will become extinct soon.  
'Um (certo) leão (chamado o leão Berber) logo estará extinto'

<sup>11</sup> Segundo Krifka *et al.* (1995) esses testes devem ser vistos como indicativos e não como critérios decisivos. "This series of tests is by no means exhaustive, and of course any test must be applied judiciously, being indicative and not criterial." (p.9)

<sup>12</sup> Nós retiramos a sentença (27g) 'Bronze is a metal / was invented as early as 3000 B.C.' com a presença do nome de massa 'bronze', pois o nosso interesse, neste capítulo, não recai sobre a possibilidade de um nome de massa se referir à espécie. Retornaremos ao tema massa no capítulo 3.

- e. The dodo is extinct.  
'O dodo está extinto'
- f. \*A dodo is extinct.  
'Um dodo está extinto'

Segundo Krifka *et al.* (1995) as sentenças de (27a) a (27f) nos dão um resultado muito importante, NPs definidos<sup>13</sup> como 'the lion' e NPs plurais nus como 'lions' podem ser considerados os dois tipos de NPs genéricos no inglês, porque eles passam no teste de combinação com predicados de espécie. Mas a não aceitabilidade de (27c) indica que o NP indefinido singular deve ser tratado diferentemente, isso porque essa sentença não pode ter leitura de espécie. Assim, o indefinido não será tratado por esses autores como um NP de referência à espécie, exceto como uma leitura taxonômica, exemplo (27d). Segundo os autores, nem mesmo a leitura taxonômica para o indefinido em (27f) faria muito sentido, porque não temos como associar um nome, por exemplo, 'dodo', a uma espécie que não possui mais espécimes - indivíduos pertencentes a uma espécie x. Assim, o indefinido não se refere à espécie.

**O segundo teste** mostra que um nome comum deve estar semanticamente relacionado a uma espécie bem estabelecida para poder ser um NP de espécie. Para sustentar a aplicabilidade desse teste, os autores nos apresentam a sentença em (28a) com 'the Coke bottle', porque esse NP se refere a uma espécie bem estabelecida no inglês (a garrafa de coca-cola), por outro lado, o NP 'the green bottle', em (28b), não pode ser considerado um NP de referência à espécie, pois esse NP não se refere a uma espécie bem estabelecida. Dessa forma, não mantém o mesmo padrão de interpretação de (28a). Logo, apenas em (28a) temos referência à espécie. As sentenças (28c) e (28d) encabeçadas por um artigo indefinido são indiferentes a esta distinção e por isso não podem se referir à espécie, pois se o indefinido pudesse denotar espécie, ele teria que ser sensível à distinção entre NPs que se referem a espécies bem estabelecidas e NPs que não se referem.

- (28) a. The Coke bottle has a narrow neck.  
'A garrafa de Coca tem gargalo estreito'
- b. ???The green bottle has a narrow neck.  
'A garrafa verde tem gargalo estreito'

<sup>13</sup> Vale notar que em inglês não existe o definido plural – 'the lions' – com interpretação genérica.

- c. A Coke bottle has a narrow neck.  
'Uma garrafa de Coca tem gargalo estreito'
- d. A green bottle has a narrow neck.  
'Uma garrafa verde tem gargalo estreito'

Vale notar que os autores não nos apresentam uma definição para espécies bem estabelecidas. Discutiremos essa questão no segundo capítulo, subseção 3.1.

**O terceiro teste** diz respeito à possibilidade de termos uma sentença episódica com leitura genérica. Segundo a literatura, sentenças sob escopo de um quantificador genérico são necessariamente estativas, ou porque o operador genérico generaliza sobre uma variável individual, ou porque são sentenças habituais e o quantificador generaliza sobre situações. Sentenças sob escopo de um quantificador genérico não podem ser sentenças episódicas, como atesta a não aceitabilidade de 'Geralmente, João saiu de casa'. Conseqüentemente, se uma sentença episódica expressa genericidade, isso ocorre porque temos um argumento de espécie na posição de sujeito. Se aplicarmos este teste para o inglês, verificamos que somente NPs definidos e plurais nus se referem à espécie. Vejamos os exemplos dos autores.

- (29) a. The rat was (just) reaching Australia in 1770.  
'O rato chegou na Austrália em 1770'
- b. Rats were (just) reaching Australia in 1770.  
'Ratos chegaram na Austrália em 1770'
- c. \*A rat was reaching Australia in 1770.  
'Um rato chegou na Austrália em 1770'

Vale notar que a sentença em (29c) é considerada agramatical, pois o NP 'a rat' não se refere a uma espécie, mas sim a um único rato (indefinido). Contudo essa sentença se torna aceitável, se estivermos nos referindo à chegada de um rato em específico, ou a um tipo de rato em específico. A leitura taxonômica é pertinente para o inglês, mas ela não é suficiente para caracterizar o NP como genérico.

**O quarto teste** se refere à distinção entre sentenças caracterizadoras e sentenças episódicas. Sentenças caracterizadoras não expressam propriedades acidentais, ao contrário, elas expressam propriedades que são de algum modo "essenciais". Vejamos o contraste entre sentenças que expressam uma propriedade acidental, com o predicado 'to be popular', e sentenças que expressam uma propriedade essencial ou "central", com o predicado 'to be polyphonic', exemplos esses retirados de Krifka *et al.* (1995, p.13):

- (30) a. The madrigal is popular.  
'O madrigal é popular'
- a'. The madrigal is polyphonic.  
'O madrigal é polifônico'
- b. Madrigals are popular.  
'Madrigais são populares'
- b'. Madrigals are polyphonic.  
'Madrigais são polifônicos'
- c. ?? A madrigal is popular.  
'Um madrigal é popular'
- c'. A madrigal is polyphonic.  
'Um madrigal é polifônico'

Para os autores, ser polifônico é uma propriedade essencial de madrigais, enquanto ser popular é uma propriedade acidental. Seguindo a argumentação de Krifka *et al.*, a não aceitabilidade de (30c) com a presença do indefinido 'a madrigal' se explicaria porque os indefinidos são compatíveis apenas com predicados que são essenciais, já que eles não são em si genéricos. Dessa forma, a sentença em (30c') é boa por se tratar de um predicado essencial de madrigais. O contraste não aparece com o definido e com o plural nu porque eles são genéricos e podem, portanto, se combinar tanto com predicados essenciais quanto com predicados acidentais. Os autores assumem também que a delimitação das propriedades essenciais depende do tipo de objeto que estamos lidando. Por exemplo, ser popular pode não ser essencial para madrigais, mas pode ser essencial para jogadores famosos do futebol.

Este parece ser o teste mais problemático, embora possamos também levantar críticas aos demais, pois a noção de ser essencial e acidental parece ser bem frágil para sustentar esse

quarto teste. Para a discussão sobre a fragilidade desse teste traremos os comentários de Cohen (2001).

Segundo Cohen, autores como Lawler (1973), Burton-Roberts (1977), entre outros, assumem que as diferenças entre os plurais nus e os indefinidos genéricos só ocorrem porque os indefinidos genéricos são restritos a propriedades que são, de alguma forma, "necessárias", "essenciais", "inerentes" ou "analíticas". Então, para esses autores, ser polifônico seria uma propriedade essencial de madrigais e ser popular não. E essa explicação daria conta da não aceitabilidade de (30c) em contraste com a aceitabilidade de (30c').

Entretanto, para Cohen, essa abordagem não é satisfatória, pois ela não apresenta uma solução para as restrições relacionadas aos indefinidos genéricos, ela apenas descreve um problema.

Um outro aspecto negativo desse tipo de abordagem, segundo Cohen, está relacionado com a seguinte questão: o que significa dizer que um indefinido genérico não pode ter uma interpretação genérica com uma propriedade não essencial? Essa questão fica sem resposta para abordagens descritivas, porque algumas propriedades consideradas não essenciais ficam perfeitas com indefinidos genéricos. Segundo o autor, se a propriedade 'ser popular' não é necessariamente verdadeira para madrigais, então supostamente 'ser uma música popular' também não deveria ser. Logo, deveríamos esperar que o indefinido genérico não se combinasse com ela. Mas não é o que ocorre. Vejamos o exemplo em (31).

- (31) A madrigal is a popular song.  
'Um madrigal é uma música popular'

Como podemos observar a sentença em (31) é perfeita<sup>14</sup>. Cohen nos chama a atenção ainda para os advérbios quantificacionais, *when*-clause e para *if*-clause, pois esses advérbios, quando introduzidos a uma sentença como (30c), contendo um predicado supostamente não essencial, não apresentam nenhum tipo de restrição à presença do indefinido genérico e como veremos as sentenças em (32) são gramaticais.

- (32) a. A madrigal is always popular.  
'Um madrigal é sempre popular'
- b. A madrigal is popular when it is short.  
'Um madrigal é popular quando é curto'

---

<sup>14</sup> Essa sentença é perfeita, mas muito provavelmente deva ser considerada falsa, pois não é verdade que o madrigal seja uma música popular.

- c. A madrigal is popular if it was written by Orlando di Lasso.  
'Um madrigal é popular se ele for escrito por Orlando di Lasso'

Cohen, por sua vez, encontra um outro modo de explicar a não aceitabilidade de sentenças caracterizadoras com a presença de um NP indefinido genérico. Em linhas bem gerais, o indefinido genérico expressa uma definição. Vejamos a definição de madrigais<sup>15</sup>, em (33).

- (33) **A madrigal** is a song which is sung by several singers without any instruments.  
Madrigals were especially popular in England in the sixteenth century.  
'Um madrigal é uma canção que é cantada por vários cantores sem qualquer instrumento.  
Madrigais eram especialmente populares na Inglaterra no século dezesseis.'

Cohen chama a atenção para o fato de que o sujeito da definição de madrigais é um indefinido genérico. Além disso, essa sentença descreve traços essenciais de madrigais, por exemplo, ser uma canção que é cantada por vários cantores sem qualquer instrumento. Por outro lado, a sentença que inicia com o plural nu 'madrigais', no exemplo em (33), não faz parte da definição de madrigais, mas sim estabelece o que são madrigais e adiciona algum tipo de informação sobre a popularidade de madrigais em uma determinada época.

Parece, então, que a sua abordagem daria conta de explicar a não aceitabilidade das sentenças em (34), que não pode ser explicada pelas propostas que o autor descreve:

- (34) a. \*A king is generous.  
'Um rei é generoso'
- b. \*A room is square.  
'Um quarto é quadrado'
- c. \*An uncle is garrulous.  
'Um tio é tagarela'

Essas sentenças, segundo a explicação de Cohen (2001, p.15), não são aceitáveis porque as propriedades de ser generoso, ser quadrado e ser tagarela não fazem parte da definição de 'rei', 'quarto' e 'tio'. Entretanto, ser generoso pode não ser uma definição de 'rei', mas pode ser uma definição de um 'bom rei'. Conseqüentemente, a sentença em (35) é boa.

---

<sup>15</sup> Essa definição está em Collins Cobuild English Language Dictionary (1987).

- (35) A good king is generous.  
'Um bom rei é generoso'

O autor enfatiza que uma sentença com a presença de um indefinido genérico deve estar relacionada a um predicado que expresse uma propriedade potencialmente essencial<sup>16</sup> e não a um predicado que expresse uma propriedade essencial de um determinado argumento. Por isso, segundo Cohen, a sentença em (36) é aceitável, embora seja falsa, pois um madrigal não é monofônico.

- (36) A madrigal is monophonic.  
'Um madrigal é monofônico'

Embora ser monofônico não seja uma propriedade que defina madrigais, esse predicado pode ser tomado como uma propriedade em potencial.

Com essa crítica de Cohen ao quarto teste de Krifka *et al.*, podemos concluir que as noções de ser essencial e ser acidental não são suficientes para explicar a não aceitabilidade de sentenças com a presença do indefinido genérico, ao menos no inglês. E, dessa forma, o teste como foi construído e apresentado por Krifka *et al.* parece ser frágil para o inglês.

**Aplicados os testes de Krifka *et al.* concluímos que:**

	<i>NPs que denotam espécie</i>	<i>NPs que não denotam espécie</i>
<b>1º teste</b>	Definido genérico – The lion Plural Nu – Lions	Indefinidos – A Lion
<b>2º teste</b>	Definido genérico – The Coke bottle *os plurais nus não são testados	Indefinidos
<b>3º teste</b>	Definido genérico – The rat Plural Nu – Rats	Indefinidos
<b>4º teste</b>	Definido genérico – The madrigal Plural Nu – Madrigals	Indefinidos

<sup>16</sup> Cohen (2001) não define o que seja uma propriedade potencialmente essencial.



## 2. Descrição dos contextos em que ocorre o singular nu

Nesta seção, faremos um levantamento dos vários contextos em que o singular nu pode ocorrer, levando em consideração a nossa intuição de falantes do PB e as noções sobre genericidade apresentadas na seção 1. Além disso, mostraremos os contextos que não permitem essa forma.

### 2.1 Os contextos genéricos

Esses contextos são considerados, por aqueles que estudam o comportamento semântico e sintático do singular nu (ver Müller & Oliveira (2004) e Schmitt & Munn (2003)), como o contexto mais propício para encontrarmos esse tipo de forma. Vale notar também que, supostamente, o singular nu ocorre em maior frequência em linguagem oral. Dentro do contexto genérico, como apresentamos na seção anterior, existem as sentenças caracterizadoras, habituais e as sentenças que expressam sua genericidade através de NPs de referência à espécie. Vejamos as sentenças em (37) a (38); sentenças que consideramos aceitáveis no PB.

- (37) a. Brasileiro adora comentar sobre os jogos da Copa.  
b. Homem gosta de futebol.  
c. Batata tem proteína C.  
d. Elefante vive 120 anos.
- (38) a. Brasileiro fica eufórico quando o time do Brasil ganha.  
b. Cachorro adora latir no portão quando o carteiro passa.  
c. João adora comer bolacha depois de escovar os dentes.

As sentenças em (38) são casos de sentenças habituais, porque expressam a sua generalização através de situações que se repetem. Note, no entanto, que em (38c) o singular nu está em uma posição de argumento interno de verbo 'comer' e nesse caso o NP 'bolacha' está sob o escopo de um operador existencial que, na análise das sentenças genéricas, sempre fecha o escopo nuclear. Assim, embora a sentença expresse um hábito, certamente 'bolacha' não recebe interpretação genérica. Neste exemplo, o que parece ocorrer é que não se especifica a quantidade de bolacha que João come depois que escova os dentes. A sentença é verdadeira se

João come uma bolacha, duas, ou come um número variado de bolachas a depender do seu humor.

As sentenças em (37) têm comportamento diferente. Em (37a) e (37b) temos sentenças genéricas expressando padrões; ao passo que em (37c) e (37d) estamos falando da espécie. Como veremos, a questão do singular nu poder se referir à espécie é controversa. Considere as sentenças em (39):

- (39) a. Dinossauro está extinto.  
b. Cachorro não está em extinção.

As sentenças em (39) são casos polêmicos na literatura existente sobre o comportamento do singular nu do PB, porque, segundo Müller (2002), essas sentenças não são aceitáveis ou permitidas no PB. A autora entende que elas são agramaticais. O mesmo deve valer para (37d). A sentença em (37c) pode, no entanto, receber outro tratamento, porque nela o NP 'batata' é um nome de massa. Será, então, que nesse caso há referência à espécie? Müller não trata explicitamente desse caso. Nós discutiremos esse assunto nos próximos capítulos.

Eis um outro caso de contexto em que o singular nu pode ocorrer:

- (40) a. Pedreiro é uma raça desgraçada.  
b. Mulher é um bando de fofqueira.

As sentenças em (40) são consideradas por nós casos especiais, porque por hora não sabemos se os NPs 'pedreiro' e 'mulher' se tratam efetivamente de NPs de referência à espécie. Por enquanto, basta notar que há nelas algum tipo de genericidade que não pode ser explicada apelando para a distinção entre propriedade essencial e accidental, uma vez que, ao menos aparentemente, ser desgraçada e ser fofqueira não são propriedades essenciais de pedreiro e mulher, respectivamente. Também esses casos serão discutidos no decorrer dos próximos capítulos.

Encontramos também ocorrências do singular nu em provérbios populares. Esses casos não serão discutidos no decorrer deste trabalho, mas nos servem como uma outra possibilidade:

- (41) a. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.  
b. Em casa de ferreiro, espeto de pau.  
c. Cachorro mordido de cobra tem medo de barbante.

## 2.2 Os contextos episódicos

Não há acordo, na literatura, sobre a possibilidade de ocorrência do singular nu na posição de sujeito de sentenças episódicas. Há quem diga que o singular nu, nesta posição, não é permitido em contextos episódicos, como também existem aqueles que defendem que, de um modo marcado, essa ocorrência seria possível. De qualquer forma, há um contraste de aceitabilidade do singular nu na posição de sujeito de sentenças genéricas e episódicas. Vejamos alguns exemplos.

(42) Hoje, criança brinca no quarto e adulto fica na sala.

Para a sentença em (42) imagine a seguinte situação. Você leva o seu filho ou filha em uma festa de aniversário, ao chegar na festa o seu filho pergunta para a mãe do amiguinho: “Tia, onde a gente vai ficar?” e recebe (42) como resposta. Nesse contexto, a sentença em (42) é uma resposta possível e aceitável. Há muito o que ser dito sobre esse caso, mas não faremos isso neste trabalho. Um primeiro ponto que merece atenção é que em (42) estamos em um contexto de lista, um contexto muito particular.

O singular nu ocorre também em posição do argumento interno, em sentenças denominadas episódicas, em (43a)-(43b), ou existenciais, em (43c).

- (43) a. João comeu bolacha ontem à noite.  
b. Eu ouvi cachorro gritando à noite inteira, ontem.  
c. Tem abelha no jardim.

Também podem ser argumento interno de sentenças genéricas e, neste caso, como já vimos, eles têm interpretação existencial:

- (44) a. João come bolacha antes de dormir.

Vale notar que em algumas línguas românicas, como o espanhol, italiano e romeno, o singular nu pode ocorrer em posição de predicado. Posição essa que não discutiremos nessa dissertação. Vejamos as sentenças em (45).

- (45) a. Juan es profesor. (espanhol)  
 b. Gianni è professore. (italiano)  
 c. Ion este professor. (romeno)

Porém, como bem acentuam Dobrovie-Sorin e Laca (2003:246), os predicados constituídos por um singular nu são possíveis apenas com uma classe muito restrita de nomes que denotam profissões ou funções sociais.

Em espanhol e romeno, segundo as autoras, podemos encontrar ocasionalmente ocorrências de singular nu em posição de objeto, com leitura existencial. Entretanto, diferentemente do PB, esses são casos muito particulares nas línguas românicas, como exemplificado em (46).

- (46) a. Este edificio tiene ascensor. (espanhol)  
 'Este edifício tem elevador'
- b. Pedro compró coche / casa / apartamento. (espanhol)  
 'Pedro comprou carro / casa / apartamento'
- c. A veces se pone corbata / sombrero. (espanhol)  
 'Às vezes, ele coloca gravata / chapéu'
- d. Din când în când Íon îwi pune cravata. (romeno)  
 'Às vezes, João coloca gravata'

Em língua escrita é muito freqüente encontrarmos o singular nu em manchetes de jornais, em que ele pode ter leitura específica: apenas um indivíduo, em (47a), ou mais de um indivíduo, em (47b).

- (47) a. Menina é baleada em creche nos EUA por arma de colega.  
 b. Empregado vira acionista em abertura de capital.

Fora do contexto de manchete e do contexto de lista, o singular nu não é permitido em posição de sujeito, quando a interpretação do NP é específica, indicando apenas um indivíduo em particular. Para esses casos é preciso que tenhamos ou o definido ou o indefinido.

- (48)
- a. \*Menino acabou de jogar a bola na minha janela.
  - b. Um/O menino acabou de jogar a bola na minha janela.
  - c. \*Carro quebrou bem ali na esquina.
  - d. Aquele/O carro quebrou bem ali na esquina.
  - e. \*Fiquei sabendo que médico desse hospital trabalhou muito.
  - f. Fiquei sabendo que o médico desse hospital trabalhou muito.
  - g. Fiquei sabendo que um médico desse hospital trabalhou muito.

No decorrer dos próximos capítulos, nós discutiremos o comportamento semântico do singular nu do PB. E com essa discussão tentaremos explicar por que o singular nu não é permitido em sentenças como (48a), (48c) e (48e), em contextos episódicos. Sobre os contextos genéricos, a pergunta central será: a genericidade expressa por um singular nu se dá por que ele é um NP de referência à espécie ou por que a genericidade viria da sentença como um todo ou ele é ambíguo? Se pensarmos que essa forma é ambígua, o singular nu seria um NP de referência à espécie, mas talvez um indefinido heiminiano, como propõe Müller (2002).



## Denotação do Singular Nu: Outros Passos

---

### Introdução

Nesse capítulo, mostraremos, nas duas primeiras seções, o que o singular nu não é. Essa discussão se torna importante para nós, porque queremos mostrar que o singular nu não é um plural nu sem marca explícita de plural e também não é o caso de considerá-lo como um definido singular genérico sem a presença explícita do artigo. Mostraremos também que a previsão de Lopes (2005)<sup>17</sup> de que o definido genérico seria um definido expletivo, segundo o nosso posicionamento não se sustenta. Na última seção, aplicaremos os testes propostos por Krifka *et al.* (1995) para o PB, a fim de podermos descobrir se o nosso singular nu seria ou não um NP de referência à espécie. Estaremos, neste ponto, conversando diretamente com a proposta de Müller (2002).

### 1. O singular nu é um plural nu disfarçado?

Uma das hipóteses que nós poderíamos levantar para tentarmos entender o uso muito freqüente do singular nu, principalmente, em linguagem oral do PB, poderia estar relacionada a um fenômeno variacionista entre as formas singular e plural, uma característica do PB que acontece em todo o sistema (trata-se da queda da marca de plural). Nesse sentido, o uso do singular nu seria uma extensão dessa tendência. Poderíamos pensar, assim, que em alguns

---

<sup>17</sup> Em seminário, no Núcleo de Estudos Gramaticais/UFSC, em outubro de 2005.

contextos essas duas formas, o singular nu e o plural nu, são permitidas, mantendo-se a mesma interpretação e com isso concluiríamos que de fato o singular nu seria uma forma não marcada explicitamente para o plural. Eles estariam, portanto, em variação. Schmitt & Munn (2003) entretém essa hipótese variacionista para descartá-la.

Segundo Schmitt & Munn (2003) a possibilidade de existir variação entre as formas singular nu e plural nu, no PB, está descartada, pois existe uma diferença relevante de significado entre elas. Esse também é o posicionamento de Müller (2002), como veremos mais adiante.

Para apresentar a hipótese variacionista, Schmitt & Munn (2003) se baseiam no trabalho de Scherre (1999)<sup>18</sup> e nos apresentam quatro generalizações feitas por essa autora sobre a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal, para a variação entre as formas marcadas e não marcadas do plural, no PB. Importante salientarmos que o foco de pesquisa de Scherre está centrado na possível variação de concordância entre as formas marcadas e não marcadas de plural, em sentenças que apresentam pelo menos uma marca formal de plural. As generalizações feitas por Scherre (1999)<sup>19</sup> são retomadas por Schmitt & Munn (2003) como um argumento para que os autores possam comprovar que é muito improvável que o singular nu seja uma forma plural sem a marca morfológica de plural. Vejamos, então, as generalizações de Scherre.

A primeira generalização de Scherre se refere a uma variável externa: o tempo de escolaridade. O tempo de escolaridade é importante para determinar a percentagem de ocorrências de marca explícita de plural, porque quanto maior a escolaridade, maior a incidência de marca de plural. Scherre (1999) analisou 13.101 dados, entre formas marcadas e não marcadas para o plural. De acordo com suas análises, 82% dos informantes mais escolarizados (de 9 a 11 anos) e 62% dos informantes menos escolarizados (de 1 a 4 anos) marcaram explicitamente o plural. Ou seja, a marcação de plural ocorre e é maior em escolarizados.

A segunda generalização está relacionada com as percentagens de marcação explícita de plural segundo a posição dos elementos nominais no grupo nominal. Trata-se, portanto, de um fator interno. A realização da marca de plural é maior no elemento que está mais à esquerda do núcleo do NP<sup>20</sup> e quanto mais o elemento estiver à direita do núcleo do NP<sup>21</sup> menor será a marcação de plural, podendo chegar à marcação zero. Assim, o padrão de marcação do plural no PB é: 'os menino grande'.

---

<sup>18</sup> Nas referências bibliográficas, esse trabalho de Scherre consta como *in press*.

<sup>19</sup> Agradecemos a Marta Scherre por ter nos disponibilizado os dados da sua pesquisa.

<sup>20</sup> Scherre (em conversa informal) considera que é mais provável encontrarmos dados da seguinte forma: 'os meus filhos/os meus filho' do que 'os meu filho'.

<sup>21</sup> Scherre (em conversa informal) considera que é usual se ouvir: 'três colegas meus/três colegas meu/três colega meu' ou 'umas casinhas bonitinhas/umas casinhas bonitinha/umas casinha bonitinha'.

A terceira e mais importante generalização feita por Scherre (1999), para os propósitos do trabalho de Schmidt & Munn (2003), é também um fator interno: se o substantivo (o núcleo) for o primeiro elemento do NP<sup>22</sup> - 'coisas lindas' - ocorrerá um favorecimento de marcas explícitas de plural. 97% dos falantes mais escolarizados e 94% dos falantes menos escolarizados marcaram explicitamente o plural no primeiro elemento do NP, seja ele qual for. Scherre (1999) encontrou 176 dados em que o primeiro elemento do NP teve marcação explícita de plural e apenas 10 dados em que o primeiro elemento do NP não apresentou marcação de plural – como é o caso de 'representante diretos'.

E a última generalização considera a diferença fonológica entre a oposição singular/plural (saliência fônica) que favorece ou desfavorece a marca explícita de plural. Se a morfologia de plural de uma determinada palavra implica em um grande contraste fonológico<sup>23</sup>, como é, por exemplo, o caso de 'ovo' [ovu] e 'ovos' [çvuS], a percentagem de marcação explícita de plural chega a 100% para os informantes mais escolarizados e 86% para os informantes menos escolarizados.

Dadas essas generalizações, Schmitt & Munn (2003) concluem que se o singular nu fosse uma forma não marcada de plural, os casos em que os informantes em 100% marcaram explicitamente o plural nunca poderiam ser casos de singulares nus. Entretanto, como o singular nu é perfeitamente aceitável, principalmente, em linguagem oral, isso sugere que nós não podemos explicar o singular nu simplesmente como um plural nu sem marca morfológica de plural. Além disso, os dados apresentados por Scherre (1999) mostram apenas uma irregularidade na marcação de plural.

Entendemos que o argumento de Schmitt & Munn (2003) é mais sofisticado: se o singular nu fosse um plural disfarçado e dadas as generalizações de Scherre, deveríamos esperar que ele não ocorresse em contextos plurais, já que ele seria o elemento mais à esquerda do sintagma nominal (aliás, o único elemento). Mas ele ocorre. Logo, ele não é um plural disfarçado.

## 1.1 Fragilidade na argumentação de Schmitt & Munn (2003)

Nós entendemos que alguns problemas surgem quando Schmitt & Munn (2003) adotam o trabalho de Scherre (1999) para “provar” ou “supor” que seria muito improvável que o singular nu fosse uma forma não marcada do plural nu, embora nossa posição esteja de acordo com a

---

<sup>22</sup> Não foram considerados casos em que o núcleo do grupo nominal fosse o único elemento do NP.

<sup>23</sup> Scherre encontrou 86 dados dessa natureza. Essa informação e os dados nos foram cedidos muito gentilmente por Marta Scherre. Scherre contrastou dados (i)-(ii) com (iii):

- (i) Eu fechava os olhos e via o terreno.
- (ii) Uma lata de leite condensado, cinco ovos...
- (iii) Mandei bota os ovo no meu...



conclusão dos autores: o singular nu não é um plural nu disfarçado. O problema principal está relacionado com o foco do trabalho de Scherre. Scherre (1999) não contrastou casos de singular nu e de plural nu, a pesquisadora analisou casos exclusivamente de plurais. Além disso, o fato de Scherre (1999) não ter investigado casos de singular nu não significa que esta forma não esteja em variação com a forma plural, de um ponto sociolingüístico.

Um outro problema está relacionado com a quarta generalização, apresentada anteriormente, na qual Schmitt & Munn (2003) se baseiam para concluir que o singular nu não seria uma forma plural, isso porque 100% dos informantes mais escolarizados marcaram explicitamente o plural, em casos de grande contraste fonológico – ‘ovo’ vs ‘ovos’<sup>24</sup>. Entendemos que essa generalização seria válida se Scherre tivesse analisado dados de singular nu em contraste com o plural nu, mas isso não ocorreu.

Diferentemente do que acreditam Schmitt & Munn (2003), Scherre (em conversa informal) considera que possa existir variação entre as formas singular e plural nus quando essas se encontram em mesmo contexto e com mesma interpretação<sup>25</sup>. A pesquisadora acredita que se tivéssemos os mesmos contextos, se comparássemos singulares nus e plurais nus com base, por exemplo, nas sentenças de (1) a (6), nós teríamos sim evidência de variação<sup>26</sup>. Os exemplos em (a) foram retirados dos dados de Scherre e os exemplos em (b) foram construídos por nós.

- (1) a. Há muito mais prédios que, assim, campos abertos, árvores.  
b. Há muito mais prédio que casa no centro da cidade.
- (2) a. Eu gosto mais de músicas nacionais.  
b. Eu gosto mais de música nacional.
- (3) a. Que gostava de mulheres mais maduras, né?  
b. João que gostava de mulher mais madura, né?
- (4) a. Proibido entrar pessoas estranha ela...  
b. Aqui é proibido entrar pessoa estranha.

---

<sup>24</sup> Nos dados de Scherre não se encontram casos de contraste fonológico sendo o núcleo (o substantivo) o primeiro elemento do grupo nominal. Como por exemplo:

- (iv) Eu comprei ovo/ovos.  
(v) Ovo/ovos faz bem pra saúde.

No entanto, Scherre (em conversa informal) enfatiza que todos os elementos mais salientes são sistematicamente mais marcados em todas as posições. A saliência fônica, em termos de tendência, tem efeito independente da posição.

<sup>25</sup> Até onde sabemos não existem trabalhos dessa natureza na sociolingüística.

<sup>26</sup> Agradecemos a reflexão da professora Marta Scherre e por ter se disposto a nos ajudar imaginando que as sentenças de (1) a (6) poderiam ocorrer em circunstâncias reais de fala, em um mesmo contexto e com o mesmo significado entre as formas plural e singular nu. Salientamos que a sociolingüística não trabalha com dados criados.

- (5) a. Só tem filhas meninas, né?  
 b. Você só tem filha menina, né?
- (6) a. Inclusive, sobrinhos meus nunca levaram uma palmada.  
 b. Inclusive, sobrinho meu nunca levou uma palmada.

As sentenças em (1)-(6) podem nos levar a considerar seriamente a possibilidade de existir variação entre a forma singular e plural, pois elas ocorrem em contextos plurais e veiculam o mesmo conteúdo semântico. Se observarmos mais atentamente as sentenças em (1), poderemos constatar que elas ocorrem em contextos marcados para pluralidade. Isso pode ser confirmado se observarmos que o advérbio 'mais'<sup>27</sup> quantifica sobre objetos plurais. Esse tipo de quantificação não se dá entre objetos singulares. Não podemos falar que em um determinado lugar existe mais um prédio do que uma casa, isso seria agramatical do ponto de vista sintático e semântico. Uma outra forma de evidenciarmos que estamos lidando com um contexto plural é tentar inserir na sentença artigos definidos ou indefinidos singulares. Vejamos os exemplos:

- (7) a. \*No centro tem mais o prédio que a casa.  
 b. \*No centro tem mais o prédio que casa.  
 c. \*No centro tem mais prédio que a casa.  
 d. \*No centro tem mais um prédio que uma casa.  
 e. \*No centro tem mais prédio que uma casa.

A não aceitabilidade das sentenças em (7) em contraste com as sentenças em (1) nos mostra que a interpretação dada ao singular nu e ao plural nu é equivalente, essa poderia ser uma evidência de que essas formas estão em variação. Isso significa para nós que em contextos plurais o singular nu e o plural nu podem ocorrer com a mesma interpretação no PB.

Segundo a perspectiva laboviana clássica, há variação quando duas formas ocorrem num mesmo contexto lingüístico e social com mesmo valor de verdade, com tendências probabilísticas em função de variáveis lingüísticas e não lingüísticas. Se analisarmos as sentenças de (1) a (6) por uma perspectiva sociolingüística, nós diríamos que as formas singular e plural nus estão sim em variação<sup>28</sup>, já que, ao menos numa primeira análise, elas estabelecem as mesmas condições de verdade no mundo. Segundo Scherre (em conversa informal), se houver alguma diferença de

<sup>27</sup> Uma outra característica do advérbio 'mais', nos contextos apresentados em (1)-(6), é não permitir definidos e indefinidos plurais, isso porque esse advérbio exige termos não específicos.

<sup>28</sup> Para que pudéssemos ter certeza de que as sentenças em (b) podem aparecer nestes contextos teríamos que examinar o contexto maior.

significado em algum nível, a sociolinguística laboviana, numa perspectiva menos ortodoxa, continua analisando estes casos ((1)-(6)) como variação, incorporando as nuances de significado como uma variável independente. Scherre não trabalhou na sua tese dados como em (2b), porque estava interessada em analisar a concordância entre as formas plurais, mas considera que existe variação laboviana clássica de forma plural (variante marcada/explicita) vs forma singular (não marcada/zero) em estruturas com leitura genérica (ver Scherre 2001 para maiores detalhes)<sup>29</sup>.

Dessa forma podemos constatar que o posicionamento de Scherre não está de acordo com a argumentação sugerida por Schmitt & Munn (2003) de que seria muito improvável que o singular nu fosse um plural nu sem marca explícita de plural<sup>30</sup>. Isso porque os contextos que Scherre investigou são de variação entre formas plurais e singulares em que ocorre ao menos uma marcação de plural.

Veremos, na próxima seção, que nós também não concordamos com a hipótese de variação entre as formas singular e plural, assim como prevê Schmitt & Munn (2003). No entanto, se estamos corretos, o caminho percorrido por Schmitt & Munn (2003) para sustentar a hipótese de que o singular nu não é um plural disfarçado é frágil, deixando margem a falsas análises. Por isso, preferimos seguir um caminho confiável, investigando seriamente a hipótese de haver variação entre as formas. Infelizmente não pudemos fazer um trabalho em sociolinguística, que, nos parece, é muito importante para ajudar a esclarecer a nossa questão.

## 1.2 Neutralização das formas singular nu e plural nu

Até esse momento apresentamos a hipótese de Scherre de que poderia haver uma variação entre a forma singular e plural nu. Pode ser que seja esse de fato o caso, mas também não é certo que todas as ocorrências do singular nu sejam substituíveis, sem alteração de sentido, pelo plural nu. A hipótese variacionista que sugerimos acima, informalmente, parece muito plausível, porque ela se detém apenas em contextos de pluralidade em que, como mostraremos, a diferença entre o singular e o plural nu está apagada (neutralizada). Mas,

---

<sup>29</sup> Nesse trabalho Scherre discute dados do PB que indicam a possibilidade de expressarmos a noção de pluralidade através de singulares genéricos. Como as sentenças que se seguem:

- (i) Menina não chora.
- (ii) Eu comprei muito livro caro.

<sup>30</sup> Salientamos que não existem trabalhos sociolinguísticos, até onde sabemos, de contraste entre as formas singular e plural nu, no PB. Ainda existem muitas dúvidas sobre essa possível variação entre essas formas.

imaginemos a seguinte situação: em um jogo entre Palmeiras e Corinthians, o goleiro do Corinthians grita para o zagueiro distraído do seu time:

(8) Cuidado, lá vem bola na área!

Nesse contexto, sabemos que existe apenas uma bola em campo, afinal essa é uma das regras do jogo de futebol. Assim, a única interpretação possível é que o zagueiro deve ter mais atenção, porque está entrando na área do gol uma e apenas uma bola. Assim, ao menos nesse contexto, não podemos substituir 'bola' por 'bolas' e essa é uma evidência que em determinados contextos não podemos substituir a forma singular pela plural e vice-versa, porque essas formas têm diferença semântica.

Não temos dúvida de que poderíamos ter uma outra situação em que, provavelmente, seria natural termos mais de uma bola, por exemplo, em um treino de um time de futebol. Se pensássemos na sentença em (8), essa mesma sentença poderia estar se referindo a, por exemplo, dez bolas que estão entrando ao mesmo tempo na área do gol, mas a situação seria outra, completamente diferente: estaríamos num contexto lingüístico de pluralidade e nesse contexto parece não haver diferença entre o singular nu e o plural nu (mas este tópico precisa ser investigado mais sistematicamente).

Vejamos agora as evidências apresentadas por Schmitt & Munn (2003) que nos mostram que o singular nu e o plural nu não têm a mesma interpretação. Em contextos genéricos e existenciais, o singular nu pode ser antecedido por um pronome singular<sup>31</sup> ou plural; e o plural nu só pode ser antecedido pelo pronome plural. Vejamos as sentenças em (9)-(12)<sup>32, 33</sup>.

- (9) a. Coelho vê(em) o mundo de outro maneira porque Ø/eles são muito pequenos.  
b. Coelho vê o mundo de outra maneira porque Ø/ele é muito pequeno.

---

<sup>31</sup> Não fica claro em Schmitt & Munn (2003) se o pronome singular pode se referir ao singular nu 'coelho', em um contexto genérico, pois no texto os autores apresentam apenas um exemplo com a categoria vazia. Em Schmitt & Munn (1999) a possibilidade de o pronome singular e a categoria vazia retomarem o singular nu era excluída.

(i) Coelho sempre roupa cenouras da Maria, por isso agora \*Ø/?ele faz parte da sua lista de inimigos.

<sup>32</sup> Nós modificamos um pouco a apresentação dos exemplos em (9)-(10). Os exemplos originais estão em Schmitt & Munn (2003:24).

<sup>33</sup> Cilene Rodrigues (em conversa informal) considera que 'coelho' tem de ser singular e plural. E que a concordância plural em (10) pode ser por causa do plural semântico presente em 'coelho'. E defende ainda que as categorias vazias são vestígios e não pronomes nulos e que talvez os traços de número semânticos possam causar concordância sintática.

- (10) a. Coelhos vêm o mundo de outra maneira porque Ø/eles são muito pequenos.  
b. \*Coelhos vê(em) o mundo de outra maneira porque Ø/ele é muito pequeno.<sup>34</sup>
- (11) a. Eu vi criança na sala. E ela estava ouvindo a nossa conversa.  
b. Eu vi criança na sala. E elas estavam ouvindo a nossa conversa.
- (12) a. \*Eu vi crianças na sala. E ela estava ouvindo a nossa conversa.  
b. Eu vi crianças na sala. E elas estavam ouvindo a nossa conversa.

A retomada com o pronome no singular e no plural indica que o singular nu não tem marca para número; ele é indiferente quanto aos traços + ou – plural; já o plural nu tem a marca de + plural. Há, assim, uma diferença semântica entre eles que só pode ser percebida em contextos – plural.

Como Schmitt & Munn (2003), Müller (2004) mostra, por um caminho bem diferente, que o singular nu pode ser retomado pelo pronome no singular ou no plural, em contextos episódicos, como em (13a). E essa possibilidade estaria bloqueada para os plurais nus, em (13b).

- (13) a. Ontem eu escrevi carta. Depois eu pus ela/elas no correio.  
b. Ontem eu escrevi várias cartas. Depois eu pus \*ela/elas no correio.

Além desse argumento, Müller (2002c) nos apresenta evidências que sustentam que o singular nu não é marcado para os traços de +/- singular ou +/-plural. Considere as sentenças:

- (14) a. Unicórnio tem chifre.  
b. Unicórnio tem chifres.

O singular nu 'chifre', em (14a), se refere a um número não específico de chifres, não excluindo a possibilidade de unicórnios terem apenas um chifre. Como é atestada por 'Boi tem chifre'. Enquanto, o plural nu 'chifres' em (14b) exclui a possibilidade de unicórnios terem apenas um chifre. É por isso que a sentença em (14b) é considerada falsa.

---

<sup>34</sup> A sentença em (10b) seria gramatical se a categoria vazia e o pronome singular estivessem co-indexados com 'mundo'.

Vale notar que para Müller (2002c, 2004) o singular nu é neutro para número, porque tem um comportamento massivo (retomaremos esse assunto no capítulo 3, subseção 1.2). Diferentemente de Schmitt & Munn (1999, 2003) que relacionam o fato de o singular nu não ser específico para número como uma característica dessa forma singular, mas sem entrar no mérito de qual seria a sua denotação.

A propriedade do singular nu, ser neutro para número, aparece explicitamente no par de sentenças em (15) (ver Müller (2002b)). Vejamos os exemplos da autora:

- (15) a. Jorge sempre lê revista depois do jantar.  
b. Jorge sempre lê revistas depois do jantar.

O contraste das sentenças com singular e as sentenças com plural nu é que a primeira pode ser verdadeira em situações em que o Jorge lê uma revista, um pedaço de revista ou mais de uma revista. Já com o plural nu estão excluídas as situações em que ele lê apenas uma revista, ou um pedaço de revista. Assim, o singular nu não expressa número semântico. Ou, para dizer com outras palavras, o singular nu é sempre não específico para número. E, além disso, nos prova que o plural nu não é capaz de se referir a um indivíduo ou objeto em particular. Se tivermos um contexto em que sabemos que João lê várias revistas depois do jantar, nós não conseguiremos perceber a distinção de interpretação entre as formas singular e plural, mas por outro lado se João sempre lê uma revista em particular, a sentença em (15b) será falsa, enquanto (15a) é verdadeira. Logo, o singular nu e o plural nu não têm as mesmas condições de verdade.

Isso significa então que, dependendo do contexto, um nominal nu singular pode denotar uma ou mais entidades e/ou objetos, ou de outra forma, podemos dizer que o singular nu seria neutro ou não específico para número. Por outro lado, o plural nu não é neutro para número, pois está excluída a possibilidade de se referir a apenas um objeto e/ou indivíduo em particular. Dessa forma, concluímos também que quando o singular nu e o plural nu podem ocorrer em um mesmo contexto, ocorre uma neutralização na distinção entre essas formas, porque o contexto vai excluir a possibilidade do singular nu se referir aos átomos, distinção essa que só será percebida em contextos não plurais ou passíveis de tal interpretação.

### 1.3 Como captar a diferença entre o singular nu e o plural nu?

Como mostramos na seção anterior, o singular nu e o plural nu se diferem semanticamente por terem interpretações distintas. A hipótese que defendemos e que aparece

em Müller (2002) é a de que o singular nu pode denotar tanto um único indivíduo quanto mais de um indivíduo, sendo neutro para número, e o plural nu denota apenas mais de um indivíduo, ou um indivíduo plural.

Entretanto, existem casos no PB em que a marcação de número para o plural parece ser irrelevante, assim como ocorre no inglês, ver sentença em (16), como aponta Krifka (2004). Esse é um ponto que contraria a previsão de Müller & Oliveira (2004), pois as autoras consideram a resposta para a sentença em (18a), apresentada em (18b), agramatical.

- (16) a. Did you eat apples?  
'Você comeu maçãs?'
- b. Yes, one. / \*Non, one.  
'Sim, uma.' / '\*Não, uma.'

Parece que esse comportamento do plural se dá em contextos episódicos, como é o caso das sentenças em (16) do inglês e das sentenças em (17), (18) e (19) do PB. Parece, então, que isso pode fazer diferença no uso do singular nu e do plural nu. Vejamos os exemplos do PB.

- (17) a. Quantos banheiros você tem na sua casa?  
b. Um.
- (18) a. Ela tem filhos?  
b. Sim, ela tem um.  
c. Sim, ela tem dois.  
d. \* Não, ela tem um.
- (19) a. Você tem namorados?  
b. Não, só um.  
c. \*Sim, só um.

Uma forma de explicarmos o que está ocorrendo nas sentenças de (17) a (19) é considerar que (i) o falante quando profere (17a), (18a) e (19a) realmente considera os plurais, isto quer dizer que ao proferir essas sentenças o falante está perguntando por mais de um banheiro, mais de um filho e mais de um namorado. Entretanto, o ouvinte não considera o plural, mas sim a existência ou não de determinados objetos. Além disso, parece que existe uma interferência

pragmática na interpretação dessas sentenças. Isso pode ser comprovado pelas sentenças em (19). É de senso comum, em nossa sociedade, que um homem ou uma mulher tenha apenas um namorado ou namorada e não mais de um (ao menos, na situação ideal). Por isso, (19c) não seria aceitável.

Entendemos que o posicionamento de Müller & Oliveira (2004) não se sustenta, pois vários falantes do PB aceitam a sentença em (18b), e não aceitam a sentença em (18d). O que continua a ser problemático para as autoras. Como explicar esse fato se o plural nu só pega indivíduos plurais? Nesse caso, a única resposta possível para (18a) seria: 'Não, ela tem apenas um.'. Mas essa resposta é contraditória, daí a não aceitabilidade de (18d). Além do mais, parece que esse tipo de construção, em (18d), realmente não é possível, ao menos no contexto apresentado em (18).

Entretanto, existem contextos em que a marca de plural se torna relevante quando queremos marcar claramente a diferença entre apenas um e mais de um como bem aponta Müller (2002). Vejamos os exemplos em (20)<sup>35</sup>:

- (20) a. Você bate no teu filho?  
b. Você bate no(s) teus filho(s)?

As sentenças em (20) mostram que no PB, a marca de plural é relevante em contextos em que queremos necessariamente marcar a distinção entre duas formas, mas notemos que essa marcação não precisa estar no nome. No caso apresentado em (20b) a marca ocorrerá obrigatoriamente no pronome possessivo, caso contrário se não marcarmos com o plural nenhum dos constituintes, nós necessariamente estamos falando de apenas um filho.

Por outro lado, existem construções com o singular nu, nas quais não existe nenhum tipo de marcação de plural e podemos nos referir a mais de um filho, em (21c). Vejamos as sentenças em (21).

- (21) a. O meu filho não vai sair de casa hoje.  
b. O(s) meus filho(s) não vai(ão) sair de casa hoje.  
c. Filho meu não vai sair de casa hoje.  
d. \*Filho meus não vão sair de casa hoje.  
e. \*Filhos meu não vão sair de casa hoje.  
f. \*Filhos meus não vão sair de casa hoje.  
g. \*O(s) filho(s) meu(s) não vai sair de casa hoje.

<sup>35</sup> Os exemplos em (20) foram criados por nós, com base na discussão feita por Scherre (2001:101).



'O meu filho' em (21a) expressa necessariamente a existência de apenas um indivíduo. 'Os meus filhos' em (21b) expressa mais de um filho(a) e a marca de plural obrigatoriamente é marcada no possessivo 'meus'. 'Filho meu', em (21c) é ambíguo entre apenas um ou mais de um. A sentença em (21c) tem uma interpretação condicional: se é meu filho(a), não vai sair de casa hoje. De forma interessante, podemos observar que a sentença em (21c), mesmo expressando a possibilidade de ser mais de um filho(a), não admite marca de plural, como podemos observar em (21d)-(21f), como também não aceita a presença do artigo (21g). Assim, as sentenças em (21) nos fornecem evidências de que o singular nu não é realmente uma forma plural (sem a marca explícita de plural) e, além disso, o singular nu em (21c) é neutro para a distinção singular/plural, pois a interpretação de 'filho meu' vale para apenas um filho ou para mais de um filho.

A nossa hipótese, então, é de que o singular nu denota tanto um único indivíduo quanto mais de um indivíduo e o plural nu denota apenas mais de um indivíduo. Hipótese essa de Müller (2002). Note que ainda temos um problema ao assumirmos o posicionamento de Müller: como explicar a gramaticalidade de (18b)? Como já dissemos, uma saída possível seria considerar que o ouvinte, nesse tipo de contexto, não considera o plural, pois a informação mais relevante é sobre se ele tem filho ou não tem e não sobre a quantidade de filhos. Além disso, poríamos supor ainda que a pergunta em (18a) fere a máxima na relevância de Grice (1975), na qual o falante dá mais informações do que é o necessário para se efetuar uma conversação. Dessa forma, poderíamos continuar assumindo o posicionamento de Müller (2002) de que o singular nu denota indivíduos singulares e plurais e o plural nu denotaria apenas indivíduos plurais. A proposta de Müller (2002) para a denotação do singular nu do PB será apresentada no capítulo 3, subseção 1.2.

## **2. O singular nu seria um definido genérico?**

Uma outra hipótese que poderíamos levantar nesse momento está relacionada à possibilidade de haver uma variação entre o singular nu e o definido genérico do PB. Neste caso, o definido genérico seria um singular nu disfarçado. Segundo Lopes (2005), o definido genérico seria um definido expletivo, parecendo não haver diferença semântica entre o definido genérico e o singular nu. Vejamos as sentenças de Lopes, em (22).

- (22) a. O morcego é muito útil.  
b. Morcego é muito útil.

Segundo a previsão de Lopes, essas duas formas não apresentariam diferenças semânticas entre elas, podendo as duas ser retomadas preferencialmente pelo pronome plural 'eles', mas podendo ser retomadas também pelo pronome singular 'ele'<sup>36</sup>. Se Lopes estiver correta em sua análise, nós poderíamos explicar o que está ocorrendo nas sentenças em (23)-(25)<sup>37</sup>, como variações.

- (23) a. O aborto era clandestino.  
b. Aborto era clandestino.
  
- (24) a. O homem gosta de mulher mais velha.  
b. Homem gosta de mulher mais velha.
  
- (25) a. O pobre tem mais filho.  
b. Pobre tem mais filho.

Essas sentenças nos mostram que podemos ter o definido genérico e o singular nu supostamente com a mesma interpretação, nos mesmos contextos. Poderíamos nos perguntar, então, se essa seria uma evidência para provar que se trata de uma variação entre essas duas formas. Há, então, duas possibilidades: ou entendemos como Lopes que o definido genérico é um definido expletivo quando há referência à espécie, ou que o singular nu é apenas uma manifestação superficial de um definido genérico. Em quaisquer das alternativas, teremos que encontrar algum mecanismo para explicar casos de não aceitabilidade de determinadas construções com o singular nu em contraste com a aceitabilidade com o definido genérico, e vice-versa, isto é, construções que às vezes permitem o singular nu e excluem o definido genérico. Vejamos as sentenças em (26)-(27).

- (26) a. \*A garrafa verde tem gargalo estreito.  
b. Garrafa verde tem gargalo estreito.
  
- (27) a. \*O cavalheiro abre a porta para a dama.  
b. Cavalheiro abre a porta para a dama.

Em (26a) 'a garrafa verde' só admite leitura específica. Em (27a) 'o cavalheiro' pode ter tanto uma leitura específica, como uma leitura genérica, mas neste caso é preciso que a interpretação seja de lista. Suponhamos que estamos tendo uma aula de etiqueta e o instrutor está ditando o

---

<sup>36</sup> Segundo Lopes (em conversa informal), a preferência é pela retomada pelo pronome plural, mas alguns falantes do PB também aceitam a retomada pelo pronome singular.

<sup>37</sup> (23b), (24a) e (25a) são dados do VARSUL. Esses dados geraram dúvidas em relação à presença ou não do artigo. A dúvida só foi esclarecida com a análise acústica feita pela professora Izabel Seara (UFSC). Concluímos assim que as transcrições estavam corretas.

que cada um de nós faz: O cavalheiro abre a porta para a dama. A dama estende a mão em direção ao cavalheiro, etc. Enquanto, 'garrafa verde' e 'cavalheiro', em (26b) e (27b) respectivamente, têm leitura genérica. Como explicaríamos essas diferenças se o definido genérico fosse realmente um definido expletivo?

Imaginemos agora que um definido expletivo possa ocorrer em posição de objeto. Dessa forma, em posição do objeto nós teríamos em realidade um definido expletivo e não simplesmente um definido genérico. Vejamos as sentenças em (28).

- (28) a. João comeu bolacha ontem à noite.  
b. \*João comeu a bolacha ontem à noite.

Note que 'a bolacha' em (28b) só poderá ter leitura específica, não sendo permitida a presença do definido genérico. Trata-se de uma descrição definida. Mas isso talvez ocorra por causa do aspecto perfectivo do verbo 'comer'. Vejamos então outros exemplos com o aspecto imperfectivo.

- (29) a. João come a bolacha antes de dormir.  
b. João come bolacha antes de dormir.

As sentenças em (29) nos mostram que só poderíamos aceitar (29a) se estiver implícito que João come aquela bolacha que ele tanto gosta antes de dormir, caso contrário, essa sentença parece tão estranha como (28b). Enquanto, (29b) é perfeita. Se tivéssemos um definido expletivo em posição de objeto, seria esperado que as sentenças em (28) e (29) fossem todas aceitáveis e tivessem a mesma interpretação, mas como mostramos, não é esse o caso.

Além dessas dificuldades, teríamos ainda que explicar a agramaticalidade das sentenças em (30b)-(31b) com a presença do definido genérico.

- (30) a. Pedreiro é uma raça difícil.  
b. \*O pedreiro é uma raça difícil.
- (31) a. Médico é um bando de idiota(s).  
b. \*O médico é um bando de idiota(s).

Se o definido genérico nada mais é do que um singular nu (ou se o singular nu nada mais é do que a manifestação superficial do definido genérico) como explicar esse contraste? Parece que

temos, então, evidências de que o definido genérico e o singular nu não dão a mesma contribuição semântica.

E finalmente, como explicaríamos exemplos em que o singular nu não é permitido, como em (32):

- (32) a. Gran Bell inventou o telefone.  
b. \*Gran Bell inventou telefone.

Entendemos que assumir a proposta de variação entre as formas do definido genérico e do singular nu parece não dar conta dos dados apresentados anteriormente. Além disso, considerar o definido genérico como um definido expletivo também não seria uma boa opção, porque, como mostramos, nem sempre eles são substituíveis. Dessa forma, assim como defendemos, na seção anterior, que a possibilidade de ocorrerem formas nuas, singular e plural, nos mesmos contextos não mostra que elas estejam em variação, porque há contextos em que elas não são intersubstituíveis e, apontamos que nos contextos em que elas podem ser trocadas sem prejuízo não há um favorecimento para a distinção entre elas, defenderemos, nesta seção, que não se trata de variação entre definido genérico e singular nu. Não podemos ainda traçar a diferença entre o definido genérico e o singular nu. Mas daremos as linhas gerais no próximo capítulo.

Nós mostraremos o nosso posicionamento sobre as sentenças que foram apresentadas nesta seção no próximo capítulo. Por hora, nos basta saber que o singular nu não é um plural sem marca explícita de plural e não é um definido genérico sem a presença explícita do artigo.

Na próxima seção, discutiremos se o singular nu do PB pode ser um NP de referência à espécie. Essa discussão continuará no terceiro e último capítulo deste trabalho.

### 3. O singular nu pode denotar espécie?

Nesta seção vamos refletir sobre o estatuto do singular nu, tendo em mente o seguinte problema: *O singular nu, no PB, pode se referir à espécie?* Para responder a essa questão apresentaremos, em linhas gerais, a proposta de Müller (2002c, 2003b), pois segundo a autora somente os definidos genéricos poderiam se referir à espécie no PB. Antes de entrarmos nessa proposta observemos o exemplo em (33) com a presença do singular nu 'brasileiro':

- (33) Brasileiro gosta de futebol.

Intuitivamente, a sentença em (33) afirma que os brasileiros em geral gostam de futebol. Proferimos (33) levando em consideração o senso comum, aquilo que acreditamos que conhecemos, não estipulamos com essa sentença que todos os brasileiros gostam de futebol. A questão que se coloca para um semanticista é: de onde vem a genericidade desta sentença? Será que o singular nu 'brasileiro' se refere a uma espécie, a espécie *Brasiliensis*, ou a genericidade viria do operador genérico sentencial? Com essa questão em mente, aplicaremos os mesmos testes apresentados no primeiro capítulo, subseção 1.5, para o PB, levando em consideração a nossa intuição e ressaltaremos os pontos de concordância e discordância com a proposta de Müller (2002c, 2003b).

### 3.1 Os testes de Krifka *et al.* aplicados ao PB

Müller (2002c, 2003b) assume que no PB, apenas os NPs definidos genéricos são expressões de referência à espécie, como no inglês que também permite NPs definidos genéricos se referindo à espécie. Mas, ao mesmo tempo, o PB se difere do inglês, porque nesta língua os plurais nus também podem se referir à espécie, enquanto que os plurais nus no PB não podem, ainda segundo Müller. Para sustentar a sua análise a autora investiga a semântica de expressões de genericidade definidas e indefinidas no PB – genéricos definidos singulares e plurais, indefinidos genéricos, singulares nus e plurais nus. Daremos maior atenção aos exemplos com a ocorrência do singular nu, do PB.

Assumiremos, assim como faz Müller (2002c, 2003b), que a genericidade no PB pode ser vista tomando por base a teoria sobre genericidade apresentada em Krifka *et al.* (1995).

**O primeiro teste<sup>38</sup> – NPs de espécie em posição de sujeito:** o predicado de espécie como 'estar extinto' exige NPs que se refiram à espécie. Vejamos alguns exemplos.

- (34) a. A baleia branca está em extinção.  
 b. As baleias brancas estão em extinção.  
 c. \*Uma baleia branca está em extinção.  
 d. Baleia branca está em extinção.  
 e. Baleias brancas estão em extinção.

<sup>38</sup> Esse primeiro teste foi dividido em duas partes, apenas, para que pudéssemos discutir mais detalhadamente os problemas relacionados com a posição de sujeito e de objeto.

Segundo a nossa intuição, o predicado de espécie 'estar extinto' não permitiria apenas o indefinido genérico 'uma baleia branca', como em (34c). Vale notar que podemos ter a leitura taxonômica para essa sentença: um tipo de baleia branca está em extinção, uma subespécie de baleia branca (se é que isso é possível). As sentenças com os definidos genéricos e com a presença de singular nu e plural nu são permitidas e aceitáveis no PB.

Segundo Müller, entretanto, apenas NPs definidos denotam espécie e esses seriam os únicos compatíveis com predicados de espécie. De acordo com o julgamento de aceitabilidade de Müller (2002c:285), as sentenças (34c)-(34e) não seriam aceitáveis, lembrando que a sentença (34c) teria apenas a leitura taxonômica.

Entendemos que se levarmos em consideração uma abordagem que veja apenas os definidos genéricos como os únicos capazes de denotar espécie, teremos um certo problema para explicar por que as sentenças em (34d)-(34e) são boas, ao menos para a nossa intuição. Nós encontramos um dado de fala que aumenta ainda mais o nosso posicionamento de que o singular nu pode ocorrer com predicados de referência à espécie no PB. Vejamos o exemplo em (35)<sup>39</sup>.

(35) Cachorro não tá em extinção.

Em (35) 'cachorro' se refere à espécie *Canis*. Uma possibilidade de análise seria dizer que o falante quando proferiu a sentença em (35) na verdade usou o artigo definido e nós é que não conseguimos perceber a sua presença. Entretanto, essa hipótese está descartada, pois essa sentença passou por uma avaliação acústica<sup>40</sup> e pudemos constatar que o artigo definido não ocorreu nesse contexto. Parece, então, que a nossa única possibilidade, por hora, é considerar 'cachorro' em (35) como uma expressão que se refira à espécie *Canis*. Se isso está realmente correto, como explicar esse fato? Uma possibilidade seria admitirmos que isso seja possível no PB. Ou ainda que a aceitabilidade de (35) esteja relacionada à presença do advérbio de negação 'não'. Ou ainda que a possibilidade de interpretação dessa sentença esteja intrinsecamente ligada à entonação dada no momento de fala. O fato é que independente da explicação adotada para dar conta desse dado, nós temos que dar conta semanticamente desse tipo de exemplo. Por hora, não podemos adotar, sem uma análise mais detalhada, uma abordagem que considere o singular nu apenas como um indefinido heiminiano, pelo menos em posição de sujeito. Mas se ainda assim quisermos defender esse tipo de análise para o singular nu, teremos que refinar

---

<sup>39</sup> Essa sentença foi proferida por uma professora doutora, na área de meio ambiente, da UFSC, durante palestra, em outubro de 2005.

<sup>40</sup> Agradecemos a ajuda da Prof<sup>a</sup> Dr. Isabel Cristina Seara, da área da fonética aplicada, da UFSC, por ter nos auxiliado na análise desse dado.

ainda mais essa abordagem para poder dar conta da nossa intuição e de dados como apresentados anteriormente.<sup>41</sup>

Dessa forma, acreditamos que o primeiro teste, com o predicado 'estar extinto', também prevê a possibilidade de termos, por razões desconhecidas até hoje, nominais nus contáveis singulares denotando espécie no PB, além dos definidos genéricos. E este parece ser realmente o caso no PB, dado que para nós sentenças como 'Dinossauro está extinto' são plenamente aceitáveis<sup>42</sup>. Portanto, o nosso julgamento de aceitabilidade não está de acordo com o de Müller (2002c, 2003b).

**O primeiro teste – NPs de espécie em posição de objeto:** Vejamos o que ocorre quando temos o predicado de espécie 'inventar', com NPs em posição de objeto, no PB.

- (36) a. O Padre Landell de Moura inventou o telefone sem fio.  
b. O Padre Landell de Moura inventou os telefones sem fio.  
c. \*O Padre Landell de Moura inventou um telefone sem fio.  
d. \*O Padre Landell de Moura inventou telefone sem fio.  
e. \*O Padre Landell de Moura inventou telefones sem fio.

Segundo a nossa intuição, as sentenças em (36a) e (36b) aceitariam definidos genéricos singular e plural como NPs de referência à espécie. Essas sentenças seriam os casos permitidos em PB, com leitura genérica. A sentença em (36c) seria permitida apenas se tivesse sido inventado apenas um exemplar de telefone sem fio<sup>43</sup>.

No PB, teríamos ainda outros predicados que se comportam como o predicado 'inventar', como por exemplo, 'construir', 'comercializar', 'desenvolver', 'lançar', 'apresentar', 'finalizar' e 'idealizar', esses predicados pedem um argumento, em posição de objeto, com a presença explícita de um artigo. Vejamos alguns exemplos de escrita.

---

<sup>41</sup> Nós apresentaremos o nosso posicionamento sobre essa questão no capítulo 3.

<sup>42</sup> Inúmeros falantes do PB aceitam essa sentença, como pudemos verificar informalmente. Ver inclusive o handout de Lopes (2005), que atesta essa mesma intuição. Além disso, quando essa sentença é inserida informalmente em uma conversa, nenhum dos falantes faz menção ao fato de não ter entendido sobre o que estamos falando.

<sup>43</sup> Acreditamos que a sentença em (36d) só poderia ser aceita se fosse dada a ela uma entonação mais marcada, por exemplo, foco contrastivo.

(i) O Padre Landell de Moura inventou TELEFONE SEM FIO e não telefone digital.

A sentença em (36e), acreditamos ser uma construção muito improvável de ocorrer, tanto se referindo à espécie ou mesmo relacionada ao foco contrastivo.

- (37) a. Em 1623, Wilhelm Sichickard **construiu** o "Relógio de Calcular", um aparelho capaz de fazer contas de somar e subtrair até um máximo de 6 dígitos que foi destruído por um incêndio antes de estar totalmente pronto.
- b. Em 1952, a IBM **lança** o modelo 701 com 1Kb de Ram e com uma unidade de cassetes magnéticos contendo o equivalente a 12.000 cartões perfurados.

Podemos concluir, então, que predicados de espécie, no PB, exigem NPs definidos genéricos singular e plural em posição de objeto. E nossa intuição está de acordo com a proposta de Müller de que apenas NPs definidos genéricos seriam capazes de denotar espécie, no PB, quando em posição de objeto.

**Segundo teste, espécies bem estabelecidas** – esse teste, quando aplicado ao PB, retorna os mesmos resultados que nós encontramos na sua aplicação para o inglês, no qual um nome comum para ser um NP de referência à espécie deve estar relacionado a uma espécie bem estabelecida.

- (38) a. A garrafa de Coca tem gargalo estreito.  
a'. ?? A garrafa verde tem gargalo estreito.
- b. As garrafas de Coca têm gargalo estreito.  
b'. ?As garrafas verdes têm gargalo estreito.
- c. Uma garrafa de Coca tem gargalo estreito.  
c'. Uma garrafa verde tem gargalo estreito.
- d. Garrafa de Coca tem gargalo estreito.  
d'. Garrafa verde tem gargalo estreito.

Nós podemos observar que apenas os definidos genéricos são sensíveis a espécies que não são bem estabelecidas. De acordo com a proposta de Müller, o fato de o indefinido genérico e o singular não serem sensíveis a essa distinção prova que eles não podem se referir à espécie no PB. Nós estamos de acordo com o posicionamento de Müller.



Entretanto, esse teste apresenta um problema na sua estruturação. Qual a definição de espécie bem estabelecida? Como podemos saber se estamos lidando ou não com uma espécie bem estabelecida? Se a existência ou não dessas espécies bem estabelecidas está relacionada apenas com o nosso conhecimento de mundo, já que sabemos como é a forma física de uma garrafa de Coca, então esse teste se torna um tanto quanto frágil.

Pensemos na seguinte situação: Maria é uma moça do interior, nunca saiu do sítio em que nasceu, tudo que viu de diferente em sua vida chegou até ela através das mãos de outras pessoas. Maria em uma determinada data ganhou cinco garrafas de Coca-cola com gargalo largo (ela não sabia que essas garrafas tiveram defeito de fabricação) e cinco garrafas da cor verde com gargalo estreito, de uma amiga que faz visitas periódicas a Maria. Vale ressaltar que Maria nunca tinha visto nenhum outro tipo de garrafa em sua vida e pela primeira vez ela teve contato com esse tipo de objeto. Logo, se alguém pedisse para Maria descrever o formato dessas garrafas, ela provavelmente diria:

- (39) a. A garrafa de Coca tem gargalo largo.  
a'. A garrafa verde tem gargalo estreito.
- b. As garrafas de Coca têm gargalo largo.  
b'. As garrafas verdes têm gargalo estreito.
- c. Garrafa de Coca tem gargalo largo.  
c'. Garrafa verde tem gargalo estreito.

O fato é que o "mundo" da Maria da forma como foi construído "prevê" que garrafa de Coca e garrafa verde são espécies bem estabelecidas. Isso porque acreditamos que ao "vermos" alguns representantes de uma espécie, nós, de alguma forma, conhecemos a espécie como um todo. Ressaltamos que esse "pulo" que a Maria faz da parte para o todo, passa a ser uma generalização indutiva. Por isso, seria muito provável que Maria aceitasse e até mesmo produzisse sentenças como vistas em (39).

Essas informações como vimos, dependendo da forma como o "mundo" é construído ou dependendo de nossas crenças, mudam. Por isso acreditamos que devemos ter um certo cuidado em utilizar esse teste, pois ele deveria nos apresentar quais são as propriedades de espécies bem estabelecidas, como elas são formadas, como ter certeza que estamos diante de uma espécie bem estabelecida. Nós deveríamos nos perguntar ainda qual a relevância de caracterizar objetos através do mundo? Essa diferença deveria estar presente na gramática de uma língua.

Por outro lado, esse teste realmente nos mostra que o definido genérico seleciona espécie bem estabelecida, pois para Maria garrafa de Coca tem gargalo largo e garrafa verde tem gargalo estreito. Provavelmente, se mostrássemos uma garrafa verde com um gargalo quadrado, Maria não teria como espécie bem estabelecida esse tipo de objeto.

**O terceiro teste** consiste em analisar a aceitabilidade de NPs em posição de sujeito de sentenças episódicas, que expressam uma generalização. Vejamos alguns exemplos do PB.

- (40) a. O caramujo africano chegou em Florianópolis em 2002.  
b. Os caramujos africanos chegaram em Florianópolis em 2002.  
c. \*Um caramujo africano chegou em Florianópolis em 2002.  
d. ?Caramujo africano chegou em Florianópolis em 2002.  
e. ?Caramujos africanos chegaram em Florianópolis em 2002.

Segundo a nossa intuição, as sentenças em (40a) e (40b) com a presença dos definidos genéricos são os principais representantes de NPs de referência à espécie, pois podem ocorrer em sentenças episódicas com valor genérico. A sentença em (40c) só poderia ser aceitável se fosse apenas um exemplar da espécie que estivesse chegado a Florianópolis ou um tipo de caramujo africano em particular. As sentenças em (40d) e (40e) estão marcadas com o ponto de exclamação, porque o singular nu e o plural nu são restritos a alguns contextos. No entanto, essas sentenças são perfeitas se considerarmos que esses NPs estão em posição de tópico<sup>44</sup>. Vejamos o exemplo em (41).

- (41) Você sabe quando o caramujo africano chegou aqui em Florianópolis?  
Caramujo africano, chegou aqui em 2002.

Se não considerarmos essa restrição dos singulares e plurais nus, o nosso posicionamento confirma a proposta de Müller de que apenas os definidos genéricos são capazes de denotar espécie no PB.

**O quarto teste** se refere à possibilidade das sentenças caracterizadoras expressarem propriedades de algum modo "essenciais". Como mostramos na seção 1.5, esse teste tem problemas com relação às noções do que seja uma propriedade essencial e acidental para o

---

<sup>44</sup> Tópico, de modo informal, pode ser considerado como uma informação "velha".

inglês. Vejamos agora se esse problema também se manifesta no PB. Nós vamos considerar como propriedade essencial de samba, ser uma dança cantada e como propriedade acidental, ser popular.

- (42) a. O samba é popular.  
b. O samba é uma dança cantada.
- (43) a. ?Um samba é popular.  
b. Um samba é uma dança cantada.
- (44) a. Samba é popular.  
b. Samba é uma dança cantada.

Seguindo o raciocínio de Cohen (2001), as noções de propriedades essenciais e acidentais não explicam o por que do indefinido genérico não ser compatível com uma propriedade acidental, como em (43a). O mesmo problema que ocorre no inglês também ocorre no PB, se introduzirmos o advérbio 'sempre' a sentença em (43a) passa a ser aceitável, como exemplificado em (45).

- (45) Um samba é sempre popular.

Se nós desconsiderarmos o problema levantado por Cohen (2001), poderemos observar que o singular nu do PB não é restrito a propriedades supostamente acidentais de samba. Então, devemos considerar que o singular nu de acordo com esse teste também pode se referir à espécie, assim como o definido genérico. Müller quando aplica esse teste (2003b:170) contrasta apenas casos de indefinidos e definidos genéricos e não apresenta exemplos com o singular nu, isso se explica porque para a autora o singular nu não pode denotar espécie no PB. Dessa forma, nós estamos de acordo com Müller sobre a não aceitabilidade do indefinido genérico poder ocorrer com predicados acidentais e acrescentamos ainda que o singular nu não é restrito a esse tipo de predicado.

Aplicados esses quatro testes chegamos aos seguintes resultados:

**Singular nu – NP de referência à espécie**

		<i>Nós</i>	<i>Müller</i>
<b>1º teste</b>	Incompatibilidade nos julgamentos de aceitabilidade	É permitido apenas em posição de sujeito. Aparentemente denota espécie.	Não é permitido em nenhuma posição.
<b>2º teste</b>	Crítica ao teste	É permitido, mas não denota espécie.	É permitido, mas não denota espécie.
<b>3º teste</b>	Incompatibilidade nos julgamentos de aceitabilidade	É permitido em posição de tópico. Aparentemente denota espécie.	Não é permitido.
<b>4º teste</b>	Crítica ao teste	É permitido e denota espécie.	Não faz considerações sobre o singular nu.

**3.2 NP de referência direta à espécie**

Nesta seção, traremos a proposta de Cohen (2001) para diferenciarmos com clareza NPs de referência direta à espécie, em (46), de NPs que se referem à espécie mas como instâncias de espécies, em (47).

(46) Dinosaurs are extinct.  
'Dinossauros estão extintos'

(47) Kings are generous.  
'Reis são generosos'

Segundo Cohen, os plurais nus em inglês se referem à espécie como prevê Carlson (1977), mas existe uma diferença entre a sentença em (46) e (47). Em (46) nós estamos falando sobre a espécie 'dinosaurs', em (47) nós estamos falando sobre indivíduos que fazem parte da espécie 'kings', esses indivíduos são instâncias de uma determinada espécie. Um modo de atestarmos que essas sentenças diferem entre si está relacionado à inclusão, por exemplo, do advérbio 'geralmente'.

- (48) a. \*Dinosaurs are **always/usually/sometimes/never** extinct.  
'Dinossauros estão sempre/geralmente/às vezes/nunca extintos'
- b. Kings are **usually** generous.  
'Reis são normalmente generosos'

Podemos notar que a inclusão dos advérbios apresentados em (48) tornam a sentença em (48a) agramatical e, em (48b), a inclusão não tem nenhum efeito na aceitabilidade da sentença. Podemos nos perguntar por que isso ocorreu? Segundo Cohen, se um advérbio quantificacional, como 'usually' é introduzido na sentença e esse advérbio fica impossibilitado de modificar o predicado verbal, então essa é a prova que estamos diante de uma expressão de referência direta à espécie. A agramaticalidade da sentença (48a), com a introdução de um advérbio quantificacional, indica que o plural nu 'dinosaurs', naquele contexto, se refere diretamente à espécie *dinossauro* e não a indivíduos dinossauros. E a aceitabilidade da sentença em (48b) confirmaria que não estamos diante de casos de expressões de referência direta à espécie.

Além disso, poderíamos nos perguntar por que seria necessária essa distinção. Segundo o autor, não faria sentido algum falar sobre a generosidade da espécie rei. Só faria sentido falar sobre generalizações de propriedades individuais de reis, essas generalizações recaem sobre os indivíduos de uma espécie e não sobre a espécie.

Assim, Cohen afirma que muitas das sentenças caracterizadoras que são postuladas como sendo casos de expressões de referência à espécie são, intuitivamente, sobre indivíduos e não sobre espécies. Cohen segue a posição de Chierchia (1998) e Carlson (1977) que o plural nu é ambíguo entre espécie e indivíduos, mas diferentemente desses autores e de Krifka *et al.* (1995) e Krifka (1998), afirma que os plurais nus quando denotando espécie não podem ser modificados por um advérbio quantificacional, como em (48a). Todos os outros casos são, na verdade, sentenças caracterizadoras com a presença de um NP se referindo a instâncias de uma espécie. Segundo Cohen (2001), a fórmula lógica de uma sentença caracterizadora deve ser representada da seguinte forma:

$$(49) \text{ Gen}_x [C(x, \uparrow\text{King})][\text{generous}(x)]$$

Esta fórmula lógica diz que, em geral, se  $x$  é uma instância da espécie  $\uparrow\text{King}$ , então  $x$  é generoso. E esta, segundo Cohen, é a leitura desejada para uma sentença genérica.

Agora pensando nos casos de singular nu do PB, nós também podemos assumir a proposta de Cohen (2001). Além de assumirmos que o singular nu pode se referir à espécie, como em (50a).

- (50) a. Dinossauro está extinto.  
b. \*Dinossauro **geralmente** está extinto.
- (51) a. Brasileiro gosta de futebol.  
b. Brasileiro **geralmente** gosta de futebol.

Parece claro o que está ocorrendo com as sentenças em (50) e (51). Não podemos dizer que 'geralmente dinossauros estão extintos', porque ou eles estão ou não estão, como também não podemos dizer que 'geralmente dinossauros estão em extinção', essa sentença parece muito estranha para ser aceita. Já na sentença em (51) parece bem natural pensarmos que não é a espécie *Brasiliensis* como um todo que gosta de futebol, mas sim que alguns ou vários indivíduos pertencentes à espécie *Brasiliensis* é que gostam de futebol. Lembrando que 'brasileiro' em (51) se refere à espécie *Brasiliensis*, mas através de indivíduos que são instâncias da espécie.

Vale notar ainda que esse teste de Cohen para os plurais nus do inglês também deve valer para os casos de NPs de referência à espécie com a presença explícita de um determinante, como em (52), isso pensando no PB.

- (52) a. A baleia está em extinção.  
b. \*A baleia **geralmente** está em extinção.
- (53) a. O brasileiro gosta de futebol.  
b. O brasileiro **geralmente** gosta de futebol.

Se estivermos no caminho correto poderemos assumir, até esse momento, que o singular nu do PB, em posição de sujeito, pode ser uma expressão que se refere diretamente à espécie e, em sentenças caracterizadoras, como apresentado por Cohen, denota instâncias de espécies. E assim como prevê o autor para os plurais nus, o singular nu sempre denotará espécie, de forma direta ou não, sofrendo, em contextos de sentenças caracterizadoras uma operação de instanciação da espécie. Por hora, os argumentos que temos para sustentar a hipótese de que o singular nu, supostamente, denota espécie estão calcados no nosso

juízo de aceitabilidade. Falta, é claro, explicar por que o singular nu não pode denotar espécie quando em posição de objeto.

No terceiro capítulo, nós retomaremos essa discussão apresentando outros exemplos de singular nu. Além de discutirmos se o singular teria um comportamento massivo, assim como prevê Müller.

Fechamos, então, esse capítulo com as seguintes constatações sobre o singular nu: (i) não é um plural disfarçado; (ii) não é um definido genérico disfarçado; (iii) pode se referir diretamente à espécie; (iv) pode sofrer, em sentenças caracterizadoras, uma operação que transforme espécie em espécime; e (v) falta explicar ainda por que o singular nu não passa em todos os testes que detectam a presença de um NP de referência à espécie.



## O Singular Nu pode ser massa?

---

### Introdução

Nesse capítulo, nós discutiremos se o singular nu é um termo massivo. Essa discussão se torna relevante e pertinente neste trabalho, porque Müller (2002) considera que um nominal nu contável singular (singular nu) é neutro para a distinção singular/plural, como já mostramos anteriormente. Essa idéia surge em Chierchia (1998a, 1998b) como uma característica de termos massivos e não dos termos contáveis, como veremos no decorrer deste capítulo. Vejamos primeiramente a sentença em (1) com dados do PB.

- (1) a. João encontrou ovo de tartaruga na praia.  
b. Tem cebola no meu prato.  
c. Brasileiro gosta de futebol.

A primeira pergunta que devemos fazer com relação às sentenças em (1) é se todas as ocorrências do singular nu podem ser consideradas como sendo neutras para a distinção singular/plural. Segundo previsão de Müller (2002), sim, todos se comportam como termos massivos. Entretanto, para Chierchia (1998a, 1998b) considerar um nome comum como um termo massivo, significa dizer, entre outras coisas, que ele denota espécie. Para Müller (2002), não, isso porque o singular nu, para a autora, não é capaz de denotar espécie, ele é na verdade um indefinido heiminano.



Se observarmos as sentenças em (1), do ponto de vista de Müller, teremos que afirmar que 'ovo de tartaruga', 'cebola' e 'brasileiro' se comportam da mesma forma, isto é, são neutros para número. No entanto, para nós existe diferença na análise desses nominais nus singulares. Esse será um ponto que discutiremos no decorrer deste capítulo.

Este terceiro capítulo está dividido da seguinte maneira: na seção 1 (e suas subseções), apresentaremos intuitivamente o que é um termo massivo, a proposta de Chierchia (1998a, 1998b, 2003) para os nomes comuns e a proposta de Müller para o singular nu; e na seção 2, mostraremos como ocorre a denotação de espécie, seguindo uma perspectiva de Chierchia.

## **1. O que é massa intuitivamente?**

Imagine que a linguagem seja “um espelho do mundo”, depois aceite o senso comum de que existem coisas que têm formas bem definidas, discretas e que essas coisas, quando são divididas em partes, deixam de ser o que eram. Assim, uma cadeira é um objeto no mundo que tem uma forma bem definida; ela é um objeto discreto e suas partes não são uma cadeira. De forma que, se separarmos uma cadeira em suas partes o resultado serão pedaços de cadeira que não são a cadeira em questão. A esse tipo de “coisa” corresponde um termo contável e os melhores exemplos seriam 'cadeira', 'mesa', 'homem'. Sobre a característica de essas coisas serem divididas e deixarem de ser o que eram, pense na seguinte situação: Você trabalha no IML de sua cidade, você sai de sua sala e quando volta encontra uma perna jogada no canto de sua sala. Será que você encontrou um homem ou parte de um homem? A resposta mais apropriada é que você encontrou parte de um homem e não um homem. Por isso, nesse contexto, 'homem' é um termo contável.

Agora imagine que existem outras coisas no mundo que não têm uma forma bem definida; essa forma é vaga ou difícil de ser percebida, e essas coisas, supostamente, quando são divididas em partes continuam sendo sempre a mesma substância, a mesma coisa. A esse tipo de coisa corresponde o conceito de termo massivo (ou de massa) e os melhores exemplos seriam os termos para líquidos, como 'água', 'leite', 'sangue'. Sobre a característica dessas coisas serem divididas e continuarem com a mesma substância, temos que pensar da seguinte maneira: Imagine que você tem em suas mãos um vidro contendo um litro de água, se você tirar dessa quantidade 100ml você continuará tendo água, com a mesma composição e a parte retirada continuará a ser a mesma substância, essa é a característica da homogeneidade.

Entretanto, essa imagem é um tanto idealizada, porque existem coisas no mundo que, por algum motivo, em uma determinada língua, correspondem a termos contáveis e em outra

correspondem a termos massivos. Talvez isso ocorra porque esteja errado imaginar que a distinção está no mundo. Talvez seja a linguagem que cria a distinção. Vejamos o exemplo de cabelo, em italiano, 'capelli' corresponde a um termo massivo e em inglês, 'hair', a um termo contável. Vejamos os exemplos:

- (2) a. I cut my hair.  
b. Mi sono tagliato i capelli.

Note que estamos nos referindo ao mesmo objeto no mundo. Mas as línguas marcam diferentemente seus nomes comuns. Para dar conta de como uma língua classifica os seus objetos, temos que adicionar uma classificação morfológica. Existem algumas características morfológicas que são compatíveis com termos massivos e outras que são compatíveis com termos contáveis. A distinção parece ser lingüística. Vejamos alguns exemplos de Chierchia (2003:3) de termos contáveis.

- (3) a. That table is cheap.  
'Esta mesa é barata'
- b. Those chairs are cheap.  
'Essas cadeiras são baratas'
- c. \*Those table is cheap.  
'Essas mesa é barata'
- d. \*That chairs are cheap.  
'Esta cadeiras são baratas'

Note primeiramente que se nós nos referirmos à mesa e cadeira, nós só podemos usar o singular e, por outro lado, se nós nos referirmos a mais de um objeto mesa ou cadeira, temos que usar o plural. Em (3a), 'mesa' combina com um determinante que se refere ou denota um indivíduo particular, dada à contribuição de 'aquela'. Em (3b), 'cadeiras' se refere a mais de um indivíduo. Por outro lado, a agramaticalidade das sentenças em (3c) e (3d) se deve porque a combinação entre demonstrativos e nomes comuns tem que concordar com singularidade e pluralidade dos nomes e também dos verbos.

Nomes massivos, por sua vez, não aceitam pluralização. Logo, a morfologia de plural não pode ser usada com termos massivos. Vejamos os exemplos em (4), de Chierchia (2003:3).

- (4) a. This rice is tasty.  
'Este arroz está gostoso'
- b. \*These rices are tasty.  
'Estes arroz estão gostosos'
- c. The water in this tank is dirty.  
'A água neste tanque está suja'
- d. \*The waters in this tank are dirty.  
'As águas neste tanque estão sujas'

Segundo Chierchia (2003), a agramaticalidade das sentenças em (4b) e (4d) não é absoluta. Nós poderíamos dizer que 'As águas do mar se abriram diante de nós.' Mas essa sentença soaria como algo poético ou bíblico<sup>45</sup>. No entanto, se você derrubar um copo de água no chão, soaria muito estranho dizer a sentença em (5).

- (5) You spilled waters all over.  
'Você derramou águas por todo lado'

Uma outra característica de termos massivos e contáveis é a compatibilidade com os definidos singulares, ambos aceitam o definido singular, em inglês. Entretanto, apenas os termos contáveis aceitam o definido genérico, em inglês.

- (6) a. The rice in this tank.  
'O arroz neste tanque'
- b. The chair over there.  
'A cadeira em cima de lá'
- c. The lion has a mane.  
'O leão tem juba'
- d. \*The gold is a metal.  
'O ouro é um metal'

---

<sup>45</sup> Vale notar que Chierchia (2003) não explica porque podemos ter sentenças desse tipo.

Além dos termos massivos não combinarem com definidos genéricos, eles também não são compatíveis com numerais, essa é uma propriedade de termos contáveis. Lembre que estamos, ainda, pensando no inglês.

- (7) a. I need three chairs.  
'Eu preciso de três cadeiras'
- b. \*I drank three waters.  
'Eu bebi três águas'
- c. I drank three glasses of water.  
'Eu bebi três copos de água'

Em inglês, podemos contar diretamente nomes contáveis, como em (8a), mas para que possamos contar um termo massivo, é preciso incluir um classificador<sup>46</sup> ('glasses of', copos), do contrário a sentença será agramatical, como exemplificado em (8b).

Segundo Chierchia (2003:3), se alguém perguntar para você:

- (8) a. How many loafs of bread did you buy?  
'Quantos pães você comprou?'

Você pode responder:

- b. Three.  
'Três'

Mas se alguém perguntar para você:

- c. How much bread did you buy?  
'Quanto de pão você comprou?'

Você terá que responder algo como:

- d. Three loafs. / Three Kilos.  
'Três pães' / 'Três quilos'

---

<sup>46</sup> Segundo Chierchia (2003), classificadores são usados para indicar objetos contáveis tipicamente associados com substâncias relevantes ou "standard servings"; esses medidores permitem que as tais substâncias possam ser divididas.

Com isso, Chierchia conclui que para “contar” pão, sangue, arroz, nós teremos que usar sintagmas de medida (‘quilos’, ‘litros’, etc) ou sintagmas classificadores (coisas como, ‘gotas de sangue’, ‘loafs of bread’).

Com as considerações feitas anteriormente sobre as características morfológicas dos termos contáveis e massivos, Chierchia (1998a, 1998b, 2003), seguindo a literatura, considera que os termos contáveis e massivos podem ser esquematizados da seguinte forma:

**Nomes contáveis:**

- (i) Têm morfologia de plural.
- (ii) Combinam com numerais (um, dois, três...).
- (iii) Não necessitam de classificadores ou elementos de medida para contar.

**Nomes Massivos:**

- (i) Não têm morfologia de plural.
- (ii) Não combinam com numerais.
- (iii) Precisam de classificadores ou elementos de medida para contar.

Segundo essa classificação, existem línguas que irão marcar morfológicamente termos massivos e contáveis diferentemente, como exemplificado em (2). E essa seria uma das evidências para não aceitar completamente que a distinção entre termos massivos e contáveis estaria relacionada apenas à forma que os objetos têm no mundo (a diferença não seria apenas ontológica, mas também lingüística).

Mas existe um outro problema relacionado à distinção massivo/contável. Termos contáveis que têm uso massivo e vice-versa, como exemplificado em (9).

- (9) There is apple in the salad.  
‘Tem maçã na salada’

Note que ‘apple’ (maçã) é um termo contável. Você pode contar diretamente as maçãs e se você cortar um pedaço de uma maçã você não terá maçã, mas, supostamente, um pedaço de maçã. Mas esse termo contável, em (9), tem um uso massivo. Em (9) você não está contando a maçã ou as maçãs que supostamente estão dentro dessa salada, você está tão simplesmente afirmando sobre a existência de maçã na salada. E nesse caso, pode existir tanto um pequeno pedaço quanto várias maçãs dentro dessa salada; o que interessa é a substância, a massa,

maçã. Processo inverso também pode ocorrer: termos de massa ganham leitura contável. É o caso que já vimos: Comprei duas águas.

De acordo com Chierchia (2003), parece que não devemos considerar a linguagem como “espelho do mundo”, se assim o fosse todos os termos que fossem contáveis em uma língua seriam igualmente contáveis nas demais línguas naturais. Mas isso não ocorre, como já vimos com o exemplo de cabelo em inglês e em italiano. Além disso, se a questão é ontológica como explicar como se passa de uma categoria a outra, como em (9). Parece, então, que a distinção contável/massivo não coincide com as substâncias e objetos que observamos no mundo.

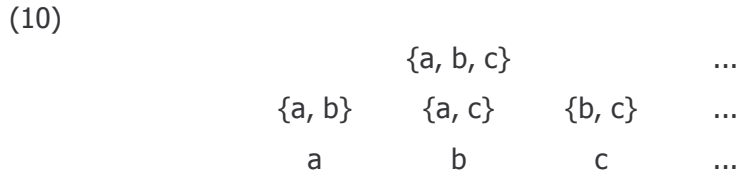
Segundo o autor, parece que as línguas naturais têm uma certa liberdade em classificar os seus nomes comuns. Mas por outro lado, parece que existe uma tendência universal entre as línguas em considerar substâncias líquidas como termos massivos. Os nomes comuns que se referem a líquidos tendem sempre a ter uma entrada lexical massiva. Dessa forma, parece que não existem línguas naturais que tenham apenas termos contáveis, visto que nomes comuns que se referem a líquidos são universalmente massivos.

Como não podemos dar conta da distinção massivo/contável considerando o mundo que está a nossa volta e segundo Chierchia não poderíamos considerar isoladamente aspectos morfológicos para dar conta dessa distinção, o autor propõe uma abordagem que leve em consideração o nosso universo do discurso e como esse universo está estruturado. Supostamente essa proposta dará conta de explicar como as línguas naturais classificam seus nomes comuns.

## **1.1 A proposta de Chierchia**

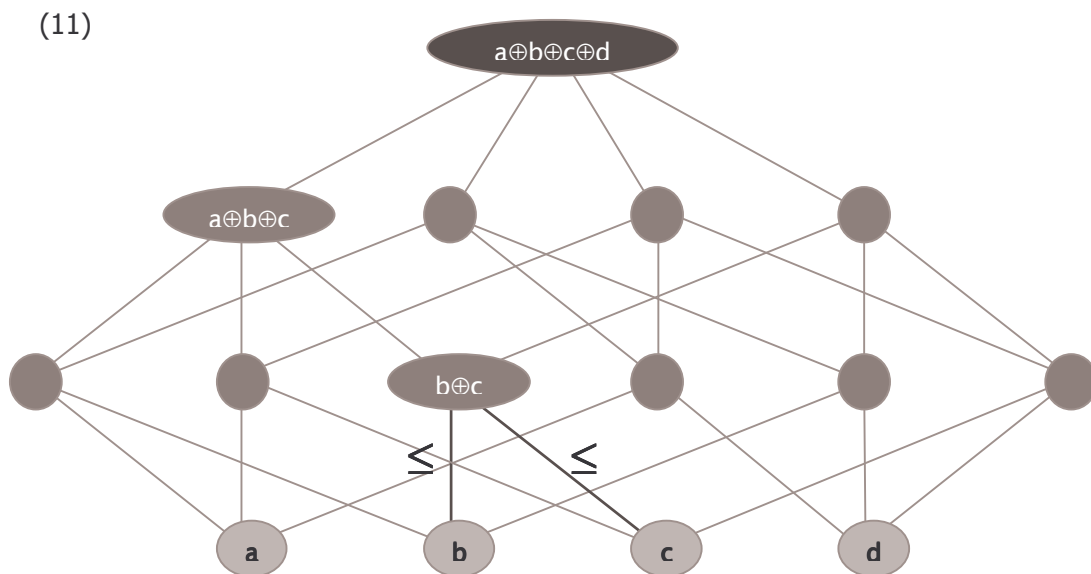
A proposta de Chierchia (1998a, 1998b), com relação à distinção contável/massivo, está baseada em como o universo de discurso está estruturado e como esse universo, através de princípios universais, está relacionado com o sistema nominal. O universo de discurso varia de contexto para contexto, dependendo das circunstâncias de comunicação, das intenções e dos interesses dos falantes. Imagine a seguinte situação: você tem na sua frente três bolas: a bola ‘a’ é vermelha, a bola ‘b’ é amarela e a bola ‘c’ é verde. Agora imagine que existem várias formas de se referir a essas bolas. Você pode usar o definido singular para se referir apenas a bola vermelha ou qualquer uma das outras separadamente. Você pode usar o definido plural e se referir às bolas ‘a’ e ‘b’ dizendo: As bolas estão boas para jogar; ou, se quiser, pode se referir às bolas ‘b’ e ‘c’ ou ‘c’ e ‘a’ ou, se quiser ainda, pode se referir às três bolas ao mesmo tempo.

Uma forma de representarmos o nosso universo do discurso é através de uma estrutura de semi-reticulado<sup>47</sup>, como em (10).



Nessa estrutura, nós temos: os átomos (AT) representados por (a, b, c); os indivíduos plurais representados por ({a, b}, {a, c}, {b, c}, {a, b, c}). Esses indivíduos plurais, no nosso contexto, são a união entre as bolas vermelha e amarela, a união entre as bolas vermelha e verde, a união entre as bolas amarela e verde e por fim a união entre as bolas vermelha, amarela e verde.

Uma outra forma, mais sofisticada, de representar um semi-reticulado está presente em (11).

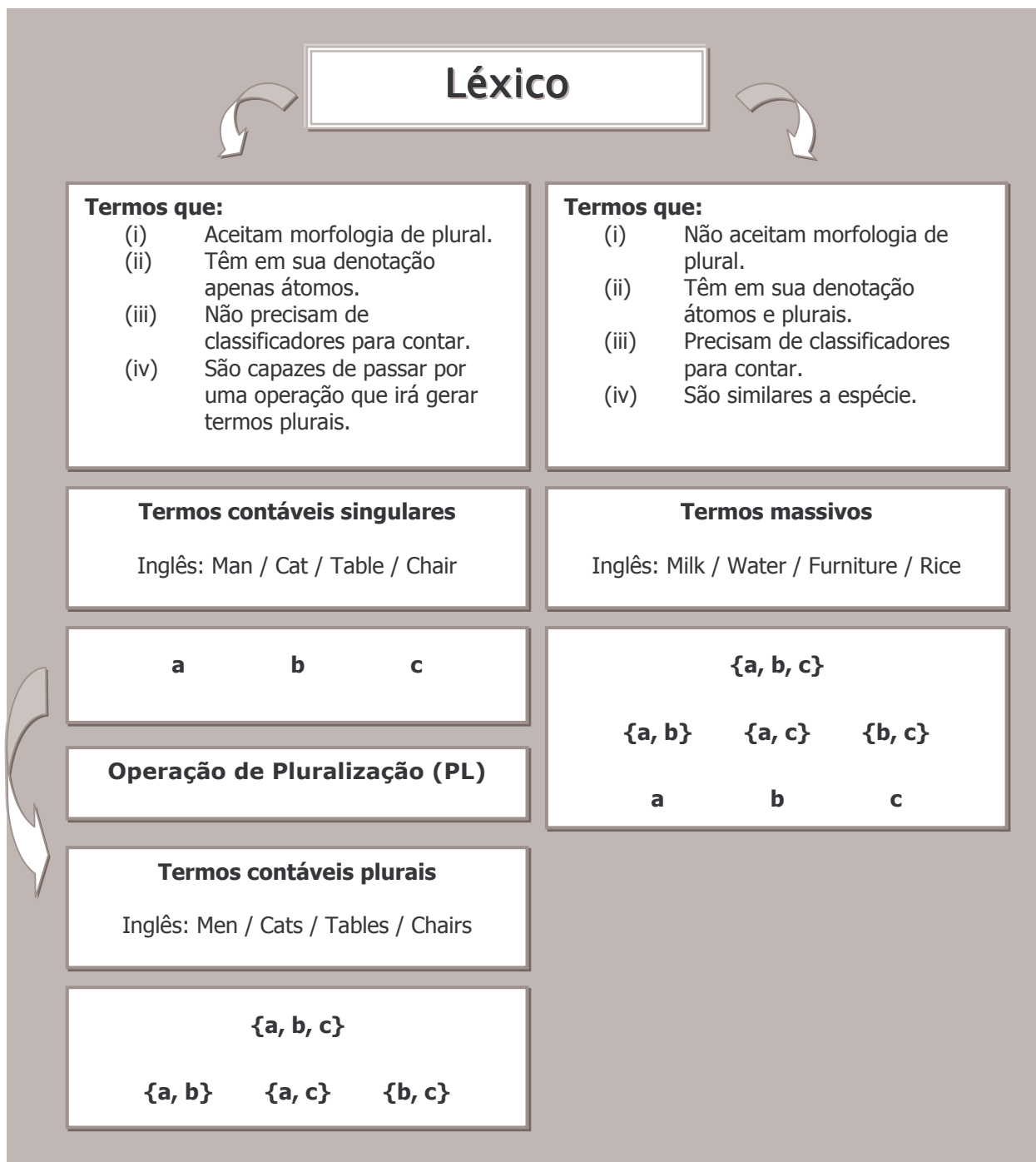


Na estrutura do semi-reticulado em (11), nós temos representado a operação de soma<sup>48</sup> ( $\oplus$ ), a relação parte de ( $\leq$ ), um conjunto de átomos (AT), {a, b, c, d}, e os indivíduos plurais, {(b, c), (a, b, c), (a, b, c, d)}. A relação parte de ( $\leq$ ) é uma relação em que 'b' e 'c' são

<sup>47</sup> Link (1983) foi o primeiro a propor uma análise lógica dos nomes de massa e plurais através de uma estrutura de reticulados.  
<sup>48</sup> O termo "soma" se refere a indivíduos ou classes de indivíduos que são de mesma natureza, pois fazem parte da mesma mereologia. (ver Wachowicz, 2003).

parte de<sup>49</sup> ( $\{b \oplus c\}$ ), os indivíduos singulares e plurais são ordenados por essa relação; a operação de soma ( $\oplus$ ) é uma relação em que 'b' e 'c' estão em uma relação de soma, dessa forma temos ( $\{b \oplus c\}$ ) e as demais relações representadas em (11). Neste semi-reticulado, temos ainda a relação de soma ( $\{a \oplus b \oplus c \oplus\}$ ) que representa a maior pluralidade do semi-reticulado – o supremo.

Vejamos, então, como Chierchia representa, através de uma estrutura de semi-reticulado, termos contáveis e termos massivos.



<sup>49</sup> Essa relação 'parte de' não deve ser entendida como, por exemplo, um braço é parte de um homem, mas sim que o cachorro (b) e o cachorro (c) estão em relação de parte de (b, c).



Vale notar que para Chierchia (1998b), os nomes comuns saem do léxico de duas maneiras: (i) como nomes contáveis singulares; nesse caso, o nome comum denota os átomos. Os termos contáveis plurais são construídos através de uma operação de pluralização (PL) que transforma indivíduos singulares em indivíduos plurais eliminando os átomos; (ii) como nomes massivos e esses saem do léxico pluralizados. Um nome de massa denota tanto os átomos quanto os indivíduos plurais. Nesse ponto, Chierchia se afasta da proposta de Link (1983), para quem a denotação massiva não tem indivíduos atômicos. A evidência de Chierchia para provar que a sua proposta está correta é que os termos massivos não podem ser pluralizados, eles são inerentemente plurais e essa seria uma das maiores diferenças entre termos contáveis e massivos.

Segundo Chierchia, os nossos domínios de discurso são povoados por entidades que fazem o papel de átomos ou unidades (concretos ou abstratos) a que nós podemos nos referir usando definidos singulares. Quando nós nos referimos a uma única mesa, utilizamos o definido singular, nesse caso nós nos referimos a um átomo particular. Como veremos mais adiante, podemos também fazer referência a uma classe individual (espécie), mas nesse caso utilizamos o definido genérico. Nos nossos domínios do discurso existem também indivíduos plurais que podemos nos referir usando definidos plurais. Imagine que você tem na sua frente três cadeiras e você diz: 'As cadeiras estão quebradas'. Nesse caso você combinou um termo plural 'cadeiras' com um definido plural e dessa forma você fez referência à totalidade de cadeiras do seu universo do discurso, um indivíduo plural. Por outro lado, quando temos um termo massivo como 'móvel', nós referimos indiscriminadamente tanto a uma cadeira que faz parte dessa móvel quanto à móvel como um todo.

Chierchia (2003) ainda considera então que os nomes comuns entram no domínio do discurso de duas maneiras: eles podem identificar um conjunto de átomos. Neste caso, eles serão contáveis. Ou eles podem identificar um conjunto de átomos e pluralidades. Neste caso, eles serão massivos.

## **1.2 A proposta de Müller**

Segundo Müller (2002), a denotação do singular nu do PB é equivalente à denotação e comportamento de termos massivos, como entendidos por Chierchia (ver Chierchia 1998a, 1998b), pois o singular nu é neutro para a distinção singular/plural, ou em outras palavras, o singular nu denota tanto os indivíduos atômicos quanto os plurais. Entretanto, na proposta de Müller existem algumas diferenças importantes que se afastam da proposta de Chierchia.

No modelo de Müller (2002b:297), todos os nomes comuns saem do léxico como termos massivos, neste sentido a proposta de Müller não está de acordo com a previsão feita por Chierchia (1998), pois para o autor os nomes comuns saem do léxico como termos contáveis e massivos, como já apresentamos.

Para Müller (2002), a morfologia de número do PB, por ter significado semântico (ver segundo capítulo, seção 2), funciona como um operador na denotação de um NP. Segundo a autora, nós teríamos dois tipos de operadores: o operador SG (singular) que opera sobre entidades atômicas, isto é, esse operador irá pegar apenas os átomos da denotação do nome comum que é massiva. Vale notar que o operador de singular é subcategorizado por quantificadores e determinantes que só operam sobre singularidades, como 'cada' e o definido e indefinido singular; e o operador PL (plural) que, por sua vez, opera sobre pluralidades, pega no semi-reticulado apenas os indivíduos plurais. O singular nu, por outro lado, não sofre nenhum tipo de operação semântica, por isso é considerado por Müller, um nominal nu sem número. Esses operadores seriam responsáveis por transformar termos massivos em contáveis. Segundo Müller (2002), os operadores SG e PL são definidos formalmente como se segue:

(12) O operador de singular:

$$SG = \lambda P \lambda x [P(x) \wedge At(x)]$$

At (a): a é um indivíduo contável

(13) O operador de plural:

$$PL = \lambda P \lambda x [P(x) \wedge Mol(x)]$$

Mol (a): a é uma molécula individual (soma de dois ou mais indivíduos contáveis)<sup>50</sup>

Vejamos agora os exemplos em (14). Em (14a) temos um NP indefinido 'um chifre', em (14b) o plural nu 'chifres' e em (14c) o singular nu 'chifre'.

(14) a. Unicórnio tem um chifre.

'Unicórnio tem um-SG chifre'

b. Unicórnio tem chifres.

'Unicórnio tem PL chifres'<sup>51</sup>

c. Unicórnio tem chifre.

<sup>50</sup> Essa noção vem de Link (1983).

<sup>51</sup> Nós estamos supondo que seja assim a localização do operador PL. Müller, em seus trabalhos dá apenas exemplos que com a presença do definido plural e este estaria subcategorizando o operador PL.

(i) As bolachas gostosas.  
'As-PL bolachas gostosas'

As sentenças em (14) nos mostram que se temos um NP indefinido 'um chifre', em (14a), teremos necessariamente uma denotação atômica. Em (14b), o plural nu 'chifres' denota mais de um indivíduo. E em (14c), o singular nu 'chifre' não é marcado para número, podendo pegar átomos e plurais. A previsão é que o falante de PB atribua condições de verdade distintas para essas sentenças. Vejamos a representação dessas sentenças em uma estrutura de semi-reticulado. Lembrando que serão os operadores SG e PL os responsáveis por pegar átomos ou plurais, na estrutura a seguir:

$$(15) \quad \text{SG (chifre)} = \lambda P \lambda x [P(x) \wedge \text{At}(x)] (\text{chifre}) \\ = \lambda x [\text{chifre}(x) \wedge \text{At}(x)]$$

$$(16) \quad [[\text{SG (chifre)}]] = \begin{array}{|c|c|c|} \hline a & b & c \\ \hline \end{array}$$

$$(17) \quad \text{PL (chifre)} = \lambda P \lambda x [P(x) \wedge \text{Mol}(x)] (\text{chifre}) \\ = \lambda x [\text{chifre}(x) \wedge \text{Mol}(x)]$$

$$(18) \quad [[\text{PL (chifre)}]] = \begin{array}{|c|c|c|} \hline & a \oplus b \oplus c & \\ \hline a \oplus b & a \oplus c & b \oplus c \\ \hline \end{array}$$

(19) Representação do nominal sem número

$$\begin{array}{|c|c|c|} \hline & a \oplus b \oplus c & \\ \hline a \oplus b & a \oplus c & b \oplus c \\ \hline a & b & c \\ \hline \end{array}$$

Seguindo o raciocínio de Müller, podemos estabelecer que termos de massa como 'água', 'leite' e o singular nu do PB podem ser representados pela estrutura em (19). Pois todos esses nomes comuns seriam nominais sem número.

## 2. Denotação de espécie

Uma outra questão que afasta a proposta de Müller de Chierchia (1998) está relacionada com a denotação de espécie. Como vimos no segundo capítulo (seção 2) para Müller o singular nu não denota espécie, ele é um indefinido heiminiano. Müller adota a proposta de Heim (1982), que considera os indefinidos como variáveis livres presas por um quantificador não-seletivo, que pode ou não ser genérico. Nesse caso, a genericidade de sintagmas indefinidos não viria do próprio sintagma, mas sim de algum elemento da sentença, de um operador que atua na sentença como um todo. Assim, o singular nu estaria impossibilitado de denotar uma expressão de referência à espécie.

A proposta de Müller está baseada também na aceitabilidade e na não aceitabilidade de determinadas sentenças do PB, como já mostramos no segundo capítulo. Vejamos quais são elas. Em (20), temos casos não aceitáveis e em (21) casos aceitáveis, segundo o julgamento de aceitabilidade de Müller.

- (20) a. \*Dinossauro está extinto.  
b. \*Mary Quant inventou mini-saia.  
c. \*Automóvel chegou no Brasil no século XX.
- (21) a. O dinossauro está extinto.  
b. Mary Quant inventou a mini-saia.  
c. O automóvel chegou no Brasil no século XX.

Como já mostramos, nossa intuição não está de acordo com Müller, com relação a sentença em (20a); isto é, ela é boa para nós. Além disso, a sentença (20c) seria permitida se o singular nu estiver em posição de tópico. Para nós, a sentença em (20b) é o único caso em que estaríamos de acordo com o julgamento de aceitabilidade de Müller.

Por outro lado, nós concordamos com Müller que os definidos genéricos são capazes de denotar espécie no PB. Para a autora, a estrutura semântica da sentença em (22a) é simples, constitui-se de um predicado e um argumento, o indivíduo espécie *Brasiliensis*, em (22b). Diferentemente do que ocorre em (23).

- (22) a. O brasileiro gosta de futebol.  
b. gostar de futebol (*Brasiliensis*)

- (23) a. Brasileiro gosta de futebol.  
b. GEN [x;][[brasileiro (x); gosta de futebol (x)]]  
Paráfrase: Geralmente, se x é brasileiro, x gosta de futebol.

Em (22b) *Brasiliensis* denota a espécie e o predicado 'gostar de futebol' se aplica a essa espécie, um indivíduo. Vale notar que em (22a) a genericidade vem do próprio NP (definido genérico). Em (23a), segundo Müller, nós não estamos falando sobre a espécie *Brasiliensis*, mas sim afirmando que normalmente, se algo é brasileiro, gosta de futebol. Neste caso, a generalização envolve a sentença inteira, (ver Müller 2003:163).

Se nós retomarmos a proposta da autora sobre a denotação dos nomes comuns no PB, poderemos nos perguntar como seria a denotação de 'o brasileiro' em (22a). Em seus trabalhos, Müller não desenvolve, até onde pudemos verificar, essa questão. Sobre a denotação de 'brasileiro' já sabemos que seja onde for, 'brasileiro' denota massivamente. Depois, no caso de (22a) há uma operação de singular. Ficamos com os átomos e depois o artigo definido pega um indivíduo. Mas se for isso, então a única interpretação para (22a) é há um e apenas um brasileiro que gosta de futebol, o que está errado. Logo, parece que o modelo adotado por Müller está incompleto.

Na próxima subseção, nós apresentaremos a proposta de Chierchia (1998b) sobre como ocorre a denotação de espécie no inglês.

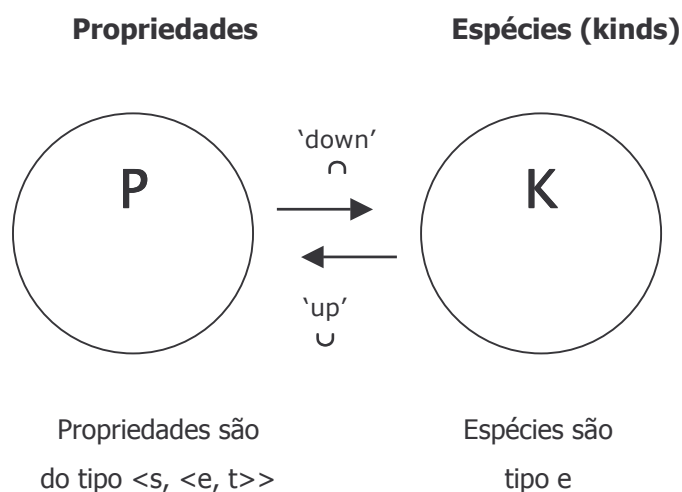
## 2.1 Denotação de espécie para Chierchia

Segundo Chierchia (1998b, p.348), a noção do que seja espécie ultrapassa as nossas noções sobre a estrutura de domínio da interpretação. De maneira intuitiva, espécies são geralmente vistas como regularidades que ocorrem na natureza, são similares a indivíduos como você e seu filho ou filha, mas as manifestações espaço temporais do que seja espécie são tipicamente 'descontínuas'. No entanto, para cada propriedade existente, como a propriedade de ser um cachorro, há uma espécie correspondente, a espécie *Canis*. Segundo Chierchia, toda espécie "natural" terá uma propriedade correspondente (a propriedade de pertencer a uma determinada espécie). O autor nos chama atenção para considerarmos como espécies naturais não apenas as espécies biológicas (como as espécies de cães, baleias...) ou bem-estabelecidas (como apresentadas por Krifka *et al.*, ver capítulo 1). Isso porque, objetos (como cadeiras e carros) ou coisas complexas (como alunos inteligentes ou manchas de tinta) podem ser qualificados como espécies, à medida que podemos atribuir a essas coisas um comportamento

suficientemente regular (ver Carlson 1977 e Krifka *et al.* 1995). Na verdade, o que conta como espécie não é definido pela gramática, mas sim por um conhecimento comum de uma comunidade de falantes. E essa noção do que seja espécie varia, em certo grau, dependendo do contexto e continua de uma certa maneira vaga. Chierchia sugere, então, que deve haver uma operação semântica entre propriedades (naturais) e espécies e que essa operação nos leve de uma a outra e vice-versa.

É preciso ressaltar que para Chierchia a extensão de um nome contável singular, como 'cachorro', é um conjunto de átomos (a, b, c). Por outro lado, a extensão de um nome contável plural, como 'cachorros', denota pluralidades ({a, b}, {a,c}, {b, c}, {a, b, c}). A propriedade de ser cachorro é uma propriedade cumulativa que se aplica à soma ou à união entre indivíduos 'cachorros'. Isso porque, na extensão de um nome de espécie existem pluralidades. Dessa forma, quando uma espécie se transformar em propriedade ou uma propriedade se transformar em espécie significa dizer, então, que indivíduos plurais são os únicos capazes de passar por essa transformação semântica.

Chierchia (1998b, p.351) nos chama a atenção ainda para considerarmos que a propriedade de ser uma instância de uma espécie não diferencia entre instâncias singulares ou plurais. Se Fido é uma boa instância da espécie *Canis*, Fido e Barky também são. E isto significa que a propriedade que corresponde a uma espécie sai como sendo massiva. Dessa forma, para Chierchia (1998b, p.347) espécie seria similar a um termo massivo, isso porque massa sai do léxico pluralizado e é neutro para a distinção singular/plural, como espécie também o é. A diferença entre termos massivos e contáveis, em se tratando da denotação de espécie, é que os termos massivos se referem basicamente a espécie e os plurais nus são basicamente propriedades que são transformadas em espécie através de uma operação semântica (função  $\hat{\phantom{x}}$  (down)). Entretanto, como vimos, essa operação só se aplica a indivíduos plurais.



Como sabemos, em inglês, há apenas plurais nus, como aparece em (25). Singulares nus só ocorrem quando o nome é de massa, exemplificado em (24). A literatura também tem como certo que os plurais nus em inglês se referem à espécie (ver Krifka *et al.* 1995 entre outros).

Vejamos a denotação de um termo massivo como 'gold' e a denotação de um termo contável como 'dodos'<sup>52</sup>.

- (24) a. Gold is a metal.  
 'Ouro é um metal'
- a'.  $\lambda w[\text{METAL}(w)(\text{AUREUM})]$   
 A função que para cada mundo atribui a propriedade de ser metal naquele mundo para a espécie *Aureum*.
- (25) a. Dodos are extinct.  
 'Dodos estão extintos'
- a'.  $\lambda w[\text{EXTINCT}(w)(\hat{\text{DODOS}})]$   
 A função que para cada mundo atribui a propriedade de ser extinto naquele mundo à espécie formada por Dodos.

Como a função  $\hat{\text{ }}$  (down) não se aplica a átomos, está assim excluída a aceitabilidade de (26), já que o predicado 'extint' só se aplica a indivíduos espécies e não a objetos. A sentença em (26) só seria possível se 'dodo' fosse um termo massivo, mas não é esse o caso. O operador que transforma propriedades em indivíduos espécies só funciona, no modelo de Chierchia, se a denotação do nome for plural. Logo, está bloqueado para (26).

- (26) \* Dodo is extinct.  
 'Dodo está extinto'

Se nossa intuição está correta, a proposta de Chierchia não pode ser aplicada diretamente ao PB, porque em PB a sentença 'Dinossauro está extinto' é possível, a menos que se considere 'dinossauro' um termo de massa.

<sup>52</sup> Os exemplos (24) e (25) foram retirados de Krifka (2004).

## 2.2 O definido genérico para Chierchia

Chierchia (1998b:380) assume que a contribuição semântica do artigo definido é representada pelo operador *iota*,  $\iota$ , e, como é sempre o caso na semântica desde a sua introdução por Russell (1905), esse operador se refere à existência de um e apenas um indivíduo em particular, como ocorre no caso do definido singular, em (27a).

- (27) a. The dog is barking.  
'O cachorro está latindo'
- b. The dog barks.  
'O cachorro late'

Na sentença em (27a), dado a presença do progressivo, o definido singular é interpretado como denotando apenas um único cachorro saliente no discurso, um espécime cachorro; já em (27b), devido à flexão de presente do indicativo, o artigo definido é interpretado como definido genérico singular, denotando a espécie *Canis*; isto é, em (27b) está-se fazendo uma generalização que vale para a espécie. Em ambas, na proposta de Chierchia, está presente, na forma lógica, o operador *iota*. A pergunta que devemos fazer é: como o sintagma definido, por meio desse operador, pode denotar espécie, se em inglês, apenas indivíduos plurais podem denotar espécie? Para explicar a relação existente entre o operador  $\iota$  e um nome contável singular para o definido genérico, Chierchia precisa introduzir algumas noções importantes. Vamos a elas.

A primeira noção que precisamos ter em mente é a semântica dos nomes coletivos, como *grupo* ou *bando*. Segundo Chierchia (1998b:380), a melhor maneira de tratarmos um nome coletivo é considerar que na extensão desses nomes, nós teremos um conjunto de singularidades. Dessa forma, *grupos* ou *bandos* serão indivíduos singulares que contém internamente pluralidades (que não são visíveis para o sistema). Para entender o que seria um *grupo* contendo apenas indivíduos singulares, imagine que você entra em uma sala e percebe que os alunos que estão ali se dividiram em três pequenos grupos: no grupo A, você tem o João, o Marcos e o Flávio estudando um texto muito difícil de sintaxe gerativa; no grupo B, você tem a Tharen, a Salete e a Ani estudando para a prova de sintaxe e no grupo C, você tem a Fabiana, a Sandra e o Gustavo conversando sobre idéias de trabalho para um futuro muito próximo. Note que no nosso universo de discurso há nove alunos, isto é, nove indivíduos singulares e não estamos falando sobre pluralidades, mas sim sobre grupos, no nosso caso três grupos. Logo,



nomes coletivos denotam indivíduos singulares e não plurais, mas são internamente constituídos de indivíduos.

A segunda noção que devemos ter em mente é a semântica dos definidos genéricos. Para o autor, nós precisamos dar três passos para chegar na semântica do definido genérico: (i) uma operação de massificação (MASS), que transforma nomes contáveis em massa; (ii) uma operação que restringe a denotação ao indivíduo supremo do reticulado; e (iii) uma operação que cria grupo do indivíduo supremo.

A operação de massificação (MASS) transforma um termo contável plural em massa. Essa operação é importante, porque irá neutralizar a distinção entre singular e plural, essa é uma característica de termos massivos. E é ela que permite entender como um nome singular pode denotar espécie. Veja que em (27b) temos um singular 'the dog'. A operação MASS está definida em (28).

$$(28) \quad \text{MASS}(\text{tiger}) = \text{tiger} \cup \text{PL}(\text{tiger})$$

Em (28), nós temos a união de uma denotação singular (átomos) e de plurais (conjunto de átomos), com essa união nós obtemos uma denotação massiva.

Chierchia (1998:381) nota que na literatura (Kleiber 1990) já se observava o definido genérico singular como tendo um comportamento massivo, esse comportamento se manifesta através da incompatibilidade entre o definido genérico singular com numerais e predicados que requerem uma interpretação contável. Vejamos (29).

$$(29) \quad \text{*The tiger is three/ many/ numerous.}$$

`O tigre é três/ muitos/ numerosos`

Parece, então, segundo Chierchia (1998b:381) que a idéia de massificação do definido genérico tem algum suporte empírico. Isso porque termos massivos não combinam com a morfologia de plural. Como em (30).

$$(30) \quad \text{*Milk are healthy.}$$

`Leite são saudáveis`

O segundo passo que devemos entender é como chegamos a referir ao indivíduo supremo. Na ontologia de Chierchia (1998b:380), 'the furniture', um massivo, denota a maior

pluralidade de peças de uma mobília ( $\{a \oplus b \oplus c\}$ ), isto é, o supremo. Suponhamos que temos três mobílias, o supremo será então um indivíduo plural, representado por ( $\{a \oplus b \oplus c\}$ ). Como representado em (31), em negrito.

$$(31) \quad \left| \begin{array}{ccc} & \mathbf{a \oplus b \oplus c} & \\ \mathbf{a \oplus b} & \mathbf{a \oplus c} & \mathbf{b \oplus c} \\ \mathbf{a} & \mathbf{b} & \mathbf{c} \end{array} \right|$$

No entanto, essa solução não pode ser aplicada diretamente para o caso do definido genérico, porque definidos genéricos são singulares, logo eles têm de denotar singularidades (átomos) e não pluralidades. É por isso que é necessária uma operação de massificação. Assim, Chierchia assume que seria mais apropriado ter como a denotação de um definido genérico singular algo como grupos (ou quantidades) que compreendem todas as partes mais relevantes da denotação de um nome massivo, isto é, o supremo.

O último passo, então, será uma operação de agrupar o supremo, transformando-o em grupo, que é representado por  $g(\{a \oplus b \oplus c\})$ , que, agora, denota uma singularidade, um indivíduo singular. Como o supremo é um indivíduo plural bem particular, a função **g** transforma um indivíduo plural em um indivíduo singular, um átomo, mas em um átomo especial. É um átomo com indivíduos em si. Então, segundo Chierchia (1998:380), a semântica do definido genérico singular deve ser a seguinte:

- (32) **THE P** (definido genérico singular + um nome contável plural)  
 Operação de massificação de P  
 **$\iota P$** , em que  $\iota$  pega a maior pluralidade representada em um semi-reticulado;  
 **$g(\iota P)$** , em que **g** é uma função que transforma pluralidades ( **$\iota P$** ) em grupos.

Após esse último passo, nós teremos, segundo Chierchia (1998b:381), o seguinte resultado para a denotação de espécie, no nosso caso, 'the tiger':

$$(33) \quad \text{the tiger} \Rightarrow \text{THE}(\text{MASS}(\text{tiger})) = g(\iota \text{MASS}(\text{tiger}))$$

A expressão em (33) denota a totalidade de tigres (ou o grupo contendo todos os tigres). E isso é consistente com o fato de que 'the tiger' tem uma morfologia singular, e essa é a morfologia

usual de expressões massivas, mas tem interpretação genérica. Se aplicarmos a expressão em (33) à sentença em (34), em um contexto genérico, teremos:

- (34) O tigre ruge.  
 Gen  $x, s$  [membro-de ( $x, g(\iota \text{ MASS(tigre)}) \wedge C(x, s)$ ] [ruge ( $x, s$ )]

Em linguagem mais ordinária: geralmente se  $x$  é um membro do grupo que tem a propriedade de ser tigre com restrições contextuais (isto é, estamos falando de tigres que podem rugir), então nessa situação ele ruge.

Chierchia (1998:382) nos chama a atenção ainda para distinção entre a denotação de espécie plural que ocorre com os plurais nus do inglês, 'Dogs bark', apresentada em (35a), e a de espécie singular que ocorre com a presença do definido genérico, 'The dog barks', em (35b):

- (35) a.  $\hat{\cap} \text{tigres} = \hat{\cap} \iota \text{ PL (tigre)} = \lambda w [\iota \text{ PL (tigre}_w)]$  'espécie plural'  
 b.  $\hat{\cap} \text{THE(MASS (tigre))} = \hat{\cap} g (\iota \text{ MASS(tigre)})$   
 $= \lambda w [g(\iota \text{ MASS(tigre}_w))]$  'espécie singular'

A representação em (35) sugere, segundo Chierchia (1998b:382), que o plural nu 'tigres' se refere a uma classe de muitos (um conjunto, em uma linguagem formal) e 'o tigre' se refere à classe de um (um coletivo, em uma linguagem formal), um átomo<sup>53</sup>. Haveria, assim, duas maneiras de se referir à espécie.

Segundo Chierchia (1998b:383), a única aspecto especial sobre o uso de artigos definidos singulares genéricos é que eles induzem a uma leitura massiva do nome que combina com eles. No mais, eles funcionam como um nome massivo, cuja denotação é de espécie.

Chegamos assim aos seguintes resultados, depois que apresentamos a hipótese de Chierchia para o definido genérico singular do inglês: para que o definido genérico singular + um nome contável denote espécie é necessário ocorrer duas grandes operações: (i) uma operação de massificação, essa operação tornará um termo contável em um termo massivo, gerando assim uma neutralização entre a distinção singular e plural; e (ii) uma operação de agrupamento, feita pela função **g**, essa função agrupa a maior pluralidade de um semi-reticulado em grupos.

Se pensarmos, agora, no definido genérico do PB, será que a proposta de Chierchia também se aplica? Na próxima seção, tentaremos responder essa pergunta.

<sup>53</sup> Essa idéia vem de Russell.

### 2.3 O definido genérico singular do PB

Sabemos que o definido genérico singular do PB, assim como no inglês, pode denotar espécie. Entretanto, a pergunta que devemos responder nesse momento é se ambos têm a mesma denotação. Ou, qual é a denotação do definido genérico? Afirmar, como faz Müller, que o definido genérico denota espécie é responder parcialmente a questão, porque é preciso ainda dizer como isso ocorre. Como vimos na seção anterior, para que possamos interpretar 'the tiger' é preciso ocorrer várias operações até chegarmos a uma interpretação desejada, de referência a uma espécie em particular. Entretanto, em inglês, termos massivos não aceitam o definido genérico. Como exemplificado no contraste em (36). É por isso que para os termos massivos denotarem espécie não é necessário uma operação de agrupamento do supremo: neles não vai atuar o operador iota que necessita de um indivíduo específico.

- (36) a. Milk is healthy.  
'Leite é saudável'
- b. \*The milk is healthy.  
'O leite é saudável'

No PB, o definido genérico singular pode ocorrer tanto com termos massivos quanto com contáveis. Veja (37).

- (37) a. O leite é saudável.  
b. A água faz bem para a saúde.  
c. O gato tem quatro patas.  
d. A mulher gosta de homens inteligentes.

Parece plausível pensar que os DPs 'o leite', 'a água', 'o gato' e 'a mulher' se referem a espécies singulares, pensando na proposta de Chierchia. Entretanto, não seria preciso aplicar a operação de massificação para os termos que já são massivos. Assim, para o PB a única diferença entre massivos e contáveis, quando são definidos genéricos, é a operação de massificação para os últimos. Uma outra possibilidade seria considerar que os nomes comuns no PB têm um

comportamento muito semelhante, no entanto não saberíamos dizer se eles seriam todos massivos ou contáveis<sup>54</sup>.

Parece, então, que existe muito trabalho a ser feito sobre a denotação do definido genérico do PB ainda. O nosso principal interesse nesse trabalho é discutir a denotação do singular nu do PB e verificar dentre outras coisas, se a proposta de Chierchia daria conta desse nominal. Contudo, na sua proposta, não há espaço para o singular nu do PB. Primeiro, porque Chierchia não observou casos do PB; segundo, porque os casos de singular nu analisados pelo autor foram retirados do italiano e nessa língua os casos de singular nu são muito restritos. Ocorrem em posição de tópico, posição essa não argumental, como exemplificado em (38).

- (38) **Pollo**, io voglio, non pesce.  
'Galinha, eu quero, não peixe'

Como as ocorrências de singular nu são muito mais restritas nas línguas românicas, entendemos que não seria possível expandir as análises feitas para essas línguas ao singular nu do PB.

### 3. Procurando uma alternativa para o singular nu do PB

Seguindo o raciocínio de Chierchia (1998a, 1998b, 2003), nós poderíamos dizer que o singular nu não pode denotar espécie porque: (i) não é possível aplicar o raciocínio dos plurais nus a eles, pois é necessário que exista uma operação que transforme indivíduos singulares em indivíduos plurais. E apenas plurais podem ser transformados em espécie (plural) através de uma operação semântica. Mas, o singular nu e o plural nu do PB não se comportam similarmente, como já foi demonstrado no segundo capítulo. Além disso, um outro aspecto importante que afasta a possibilidade do singular nu ser um plural nu é a impossibilidade do singular nu ocorrer como sujeito de uma sentença episódica, em contraste com o plural nu. Vejamos as sentenças em (39).

- (39) a. \*Médico está trabalhando muito neste hospital nesses últimos dias.  
b. Médicos estão trabalhando muito neste hospital nesses últimos dias.

---

<sup>54</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre a distinção entre termos massivos e contáveis do PB, ver a dissertação de mestrado de Paraguassu (2005).

Note que a agramaticalidade de (39a) se deve à impossibilidade de uma leitura específica para 'médico', ou seja, não podemos ter a leitura de que apenas um médico está trabalhando. Se acrescentássemos 'ultimamente' à sentença em (39a) tornaríamos a sentença aceitável, entretanto a interpretação do singular nu 'médico' estaria relacionada a mais de um médico; ela seria genérica. Logo, parece ser o caso que o singular nu não pode ter como referência apenas um indivíduo específico, em posição de sujeito de uma sentença episódica. Os plurais nus, por outro lado, são permitidos em posição de sujeito de sentenças episódicas, tendo como referência um indivíduo plural. Esse seria, então, mais um contexto que marcaria a distinção entre singular nu e plural nu.

O singular nu também não é um definido genérico singular disfarçado, como já mostramos no segundo capítulo (seção 2). Pois existem casos que ambas as formas não são permitidas nos mesmos contextos. Veja (40).

- (40) a. Pedreiro é uma raça desgraçada.  
b. \*O pedreiro é uma raça desgraçada.

Nos resta, então, considerar que o singular nu do PB é um termo massivo. Mas será que ele seria massivo apenas por ser neutro para a distinção entre o singular e plural como prevê Müller? Se adotarmos a proposta de Müller, além de considerarmos o singular nu neutro para a distinção entre o singular e o plural, teremos também que acreditar que ele não denota espécie. Mas, como já mostramos no segundo capítulo, existem dados que nos levam a considerar que ele pode denotar espécie no PB. Como é o caso de (41).

- (41) a. Dinossauro tá extinto.  
b. Cachorro não tá em extinção.

Ou será que o singular nu seria massivo se quiséssemos adotar a proposta de Chierchia para o comportamento dos termos massivos do inglês? Se for essa a resposta, o singular nu pode denotar espécie. Mas quais seriam as características em comum entre o singular nu do PB e termos massivos do inglês, seria apenas a neutralização para a distinção entre o singular e o plural ou teríamos outras características em comum? Considere o caso do nome comum 'cachorro', no modelo de Chierchia, ele sai do léxico como um termo contável, denotando átomos. Mas, então, ele não pode ser massa. Logo, teria que haver primeiro uma operação de massificação. Parece que essa operação se justifica para o singular nu no PB, pois 'cachorro',

quando apresenta um comportamento massivo, não combina, por exemplo, com número. Vejamos alguns exemplos de termos massivos do inglês.

- (42) a. Milk is healthy.  
 b. \*Milks are healthy.  
 c. \*The milk is healthy.

Em inglês, um termo massivo, em posição de sujeito, só pode ocorrer se estiver na sua forma singular e sem a presença do definido genérico singular ou qualquer outro determinante. O singular nu do PB, por sua vez, como já mostramos no segundo capítulo (seção 1 e 2), não é um plural nu disfarçado, como também não é um definido genérico singular disfarçado. O singular nu do PB é uma forma no singular e sem a presença do definido genérico ou qualquer outro determinante, assim como um termo massivo do inglês.

Entretanto, como explicaríamos o fato de um termo contável no singular ter um comportamento massivo? A primeira coisa que devemos ter em mente é que o singular nu não é um nome contável singular, isto quer dizer, o singular nu não denota um átomo, como é o caso de 'a cadeira' ou 'a mesa'. O singular nu tem em sua denotação átomos e plurais, logo não deveria ser classificado com um nome contável singular. A representação do singular nu em um semi-reticulado é a seguinte, como prevê Müller (2002):

$$(43) \quad \left| \begin{array}{ccc} & a \oplus b \oplus c & \\ a \oplus b & a \oplus c & b \oplus c \\ a & b & c \end{array} \right|$$

A única explicação que teríamos para dar conta de por que o singular nu tem a mesma representação de um termo massivo do inglês é acreditarmos que existiu uma operação de massificação. Dessa forma, se aplicada a operação de massificação sobre um termo contável como 'cachorro', teríamos o que se segue:

$$(44) \quad \text{MASS}(\text{cachorro}) = \text{cachorro} \cup \text{PL}(\text{cachorro})$$

Em (44), nós temos a união de um indivíduo singular denotado por 'cachorro' e das pluralidades denotada por 'cachorros', com essa união, nós obtemos uma denotação massiva, assim como já

previu Chierchia para 'tiger' do inglês. Acreditamos que essa seria a única operação semântica por que passaria o singular nu, transformando assim um termo contável singular em um singular nu massivo, que, então, através de uma operação de se referir ao supremo, denotaria espécie, como ocorre com o termo de massa em inglês. A operação de massificação é desencadeada pela falta mesmo de determinante; a seleção do supremo para denotar espécie seria guiada pelo predicado. Essa hipótese encontra sustentação no fato de que o singular nu se comporta como massa quanto às propriedades vistas em (29):

(45) \* Cachorro é três/muito numeroso.

Conseguimos, ainda explicar, por que não temos leitura de espécie em:

(46) João comeu chocolate ontem à noite.

Nesse caso, há apenas indeterminação de número. Houve massificação porque não há determinante algum presente, mas o predicado impede a referência ao supremo. Conseguimos, também, explicar porque temos a leitura de espécie com predicados de espécie; que obrigam a uma referência ao supremo.

Entretanto, restam ainda alguns problemas. Retomemos o exemplo em (40a), agora como (47a).

(47) a. Pedreiro é uma raça desgraçada.  
b. Mulher é um bando de fofqueira.

A pergunta, neste caso, é: o predicado dispara a interpretação de espécie? Ora, se 'pedreiro' e 'mulher' denotam espécie, porque as sentenças em (48) são agramaticais?

(48) a. \*O pedreiro é uma raça desgraçada.  
b. \*A mulher é um bando de fofqueira.

Aparentemente, o predicado não permite leitura de espécie. Note que nas sentenças em (48) não temos mais uma leitura genérica para 'o pedreiro' e 'a mulher', temos apenas uma leitura específica; o que bloqueia a combinação com 'raça' e 'bando', termos de referência a grupo.



Talvez a explicação neste caso seja que o singular nu, por ser indeterminado quanto ao número, permite a combinação com predicados de grupo. Na esteira de Chierchia, podemos supor uma operação de grupo na denotação de um termo massificado, desencadeada pela presença de 'raça' e 'bando'. Veja que a sentença (49a) abaixo é boa, em contraste com (49b):

- (49) a. Menino se encontra na praça.  
b. \* O menino se encontra na praça.

O predicado 'se encontrar' é coletivo, logo ele pede argumentos que possam ter interpretação coletiva, por exemplo 'os meninos', mas não 'o menino' que pode denotar espécie, mas não um grupo. Significa que o singular nu, como já dissemos, pode denotar indivíduos plurais e com esse tipo de predicado é essa a denotação requerida.

Evidentemente, essa nossa proposta de solução para o singular nu precisa ainda ser muito mais detalhada e investigada. Essa será nossa meta no Doutorado.

## Considerações Finais

---

Nesta dissertação foi descrito e analisado o modo como o singular nu do PB é interpretado, mais particularmente, em contextos genéricos; os contextos existenciais em que ele ocorre precisam ainda ser melhor entendidos. Primeiramente, apresentamos como noções básicas na literatura sobre genéricos e episódicos e apresentamos também como a literatura explica casos de NPs de referência à espécie, em inglês, em particular os plurais nus. Vimos, ainda que superficialmente, uma problematização dos contextos possíveis de ocorrências do singular nu do PB.

No segundo capítulo, mostrou-se que o singular nu não pode ser considerado um plural sem a marca de pluralização; não pode ser um definido genérico singular sem a presença explícita do determinante, e que pode ser um NP de referência à espécie.

No terceiro capítulo vimos que o melhor caminho a ser tomado para explicar o comportamento do singular nu do PB é considerá-lo como um termo massivo. Para tanto, foi preciso estabelecer que o singular nu, quando combinado com um predicado de espécie, passa por uma operação de massificação que permite a referência ao supremo do semi-reticulado denotado pelo nome comum. Essa operação permite a referência à espécie. Por outro lado, quando o singular nu se combina com predicados que não denotam diretamente espécie, mas tem ainda interpretação genérica, ele denota instâncias de indivíduos, através de uma operação de transformação de espécie em espécime, seguindo a sugestão de Cohen (2001). E finalmente, quando o singular nu está em posição de objeto existe apenas uma operação de massificação, por isso temos uma leitura indefinida para o singular nu.

Acreditamos ainda que, para o estudo detalhado das ocorrências de singular nu no PB, é preciso estabelecer uma correlação entre outras áreas da lingüística. O singular nu deve ser analisado do ponto de vista da sociolingüística, pois assim teríamos um maior levantamento de dados e de possíveis contextos que não foram discutidos neste trabalho. O singular nu deve ser analisado do ponto de vista da sintaxe, em particular dentro do quadro gerativo atual, o minimalismo, pois assim poderíamos determinar com maior precisão quais são os traços que compõem os nomes comuns quando os mesmos saem do léxico. Além disso, o singular nu deveria ser estudado do ponto de vista da fonética acústica, para que futuramente possamos estabelecer a relação existente entre formas, sentenças e aspectos prosódicos.

Estamos certos que muito tem de ser feito ainda para que um dia possamos estabelecer a semântica do singular nu do PB, mas esperamos que esse trabalho tenha dado uma boa contribuição nesse sentido.

## Referências Bibliográficas

---

- CARLSON, G. N. 1977. "A Unified Analysis of the English Bare Plural." *Linguistic and Philosophical Logical*, 1:413-457.
- \_\_\_\_\_. 1995. "Truth-conditions of generic sentences: Two contrasting views", in Carlson and Pelletier. 224-237.
- CHIERCHIA, G. 1998a. "Plurality of mass nouns and the notion of semantic parameter", in Events and Grammar. S. Rothstein (ed). Great Britain, Kluwer academic Publishers. p. 53-103.
- \_\_\_\_\_. 1998b. Reference to Kinds across Languages. *Natural Language*
- \_\_\_\_\_. 2003. "Language, Thought and Reality after Chomsky." University of Milan-Bicocca.
- COHEN, A. 2001. On the generic use of indefinite singulars. *Journal of Semantics*, 18:3, 183-209.
- \_\_\_\_\_. 2004. Existential Generics. *Linguistics and Philosophy*, 27:2,137-168.
- DOBROVIE-SORIN, C. e LACA, B. 2003. "Les noms sans déterminant dans les langues romanes", in Danièle Godard, éd. *Les langues romanes - Problèmes de la phrase simple*, Editions du CNRS: 235-281.
- KRIFKA, M.; PELLETIER, F. J.; CARLSON, G. N.; ter MEULEN, A.; LINK, G.; e CHIERCHIA, G. 1995. Genericity: An introduction. In *The Generic Book*, G. Carlson and F. J. Pelletier (eds.), 1-124. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- KRIFKA, M. 2004. "Bare NPs: Kind-referring, Indefinites, Both, or Neither?". Proceedings of Semantics and Linguistic Theory (SALT) XIII, University of Washington, Seattle. Edited R. B. Young & Y. Zhou, CLC Publications, Cornell.
- GONZÁLEZ, P. 2003. *Aspects on Aspect. Theory and Applications of Grammatical Aspect in Spanish*.
- GRICE, H. P. 1975. "Logic and conversation", in Peter Cole and Jerry L. Morgan (eds). *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. Academic Press. New York. 41-58.
- HEIM, I. 1982. The Semantics of Definite and Indefinite NPs. Unpublished. Ph.D. Thesis. University of Massachusetts at Amherst.
- LEWIS, D. 1975. "Adverbs of Quantification", in E. Keenan (ed.), *Formal Semantics of Natural Language*, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 3-15.
- LINK, G. 1983. "The logical analysis of plural and mass terms", in R. Bäuerle, Ch. Schwarze, A. von Stechow (eds.) *Meaning, use and interpretation of language: 302-323*.
- MÜLLER, A. 2002a. Nomes Nus e o Parâmetro Nominal no Português Brasileiro. *Revista Letras, UFPR, Curitiba*, v. 58, p. 331-344.

- \_\_\_\_\_. 2002b. Genericity and the Denotation of Common Nouns in Brazilian Portuguese. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 18, n. 2, p. 287-308.
- \_\_\_\_\_. 2002c. The Semantics of Generic Quantification in Brazilian Portuguese. PROBUS, n. 14, p. 279-298.
- \_\_\_\_\_. 2003a. "A Semântica do Sintagma Nominal", in Ana Müller; Esmeralda Negrão; Ma. José Foltran. (Org.). Semântica Formal. 1 ed. São Paulo: Contexto, p. 61-73.
- \_\_\_\_\_. 2003b. "A Expressão da Genericidade nas Línguas Naturais", in Müller, Ana; E. Negrão; M.J. Foltran. (Org.). Semântica Formal. 1 ed. São Paulo: Contexto, p. 153-172.
- \_\_\_\_\_. 2004. "Tópico, Foco e Nominais Nus no PB", in NEGRI, L.; M.J. FOLTRAN, R.P. OLIVEIRA. (Org.). Sentido e Significação. 1 ed. São Paulo: Contexto, p. 77-95.
- MÜLLER, A. & OLIVEIRA, F. 2004. "Bare Nominals and Number in Brazilian and European Portuguese". Journal of Portuguese Linguistics, Portugal, v. 3, n. 1, p. 9-36, 2004.
- PARAGUASSU, N. 2005. A Distribuição Contável-Massivo no Sistema Nominal. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade de São Paulo.
- SCHERRE, M. (in press). Major linguistic patterns in noun phrase agreement in Brazilian Portuguese. *Cinquanta'anni di recerche linguistiche: problemi, resultati e prospettive per il terzomillennio. Atti Del IX convegno internazionale di linguisti - tenuto a Milano nei giorni 8-18 ottobre 1998.* Alessandria: Edizioni dell'Orso S.r.l. 2001. pp.461-473. (ISBN 88-7694-526-1) Sodalizio Glottologico Milanese – Istituto Lombardo – Academia di Scienze e Lettere.
- \_\_\_\_\_. 2001. *Language Variation and Change*, 13, 91-107. Cambridge University Press.
- SCHMITT, C. & MUNN, A. 1999. Against the Nominal Mapping Parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese. *Proceedings of NELS 29*.
- SCHMITT, C. & MUNN, A. 2003. The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese. *Linguistic Variation Yearbook*, vol. 2, 253–281. *Semantics* 6, 339-405.
- WACHOWICZ, T. C. 2003. "A semântica dos reticulados para os plurais em PB", in Ana Muller; Esmeralda Negrão; Ma. José Foltran. (Org.). Semântica Formal. 1 ed. São Paulo: Contexto, p. 75-94.